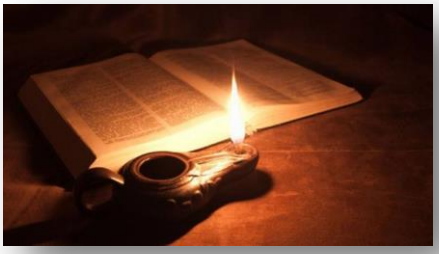
DIOCESE DE IGUATU
- URGÊNCIA ANIMAÇÃO BÍBLICA -

ROTEIROS PARA LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS
ABRIL

Estrutura:

1. Antes de tudo, preparar um simples espaço. Que seja acolhedor e orante... Dispor, se possível, de uma velinha que ilumine o grupo...



2. Depois que todo o grupo chegar, quem coordena convida ao silêncio e à oração. Pode ser entoado um refrão meditativo que ajude a entrar em contemplação.

3. Alguém proclama o texto bíblico – **Evangelho** – em voz alta. (Ler o texto da bíblia/jornal, ou ainda do lecionário... não há necessidade de fazer a introdução ou conclusão: "Proclamação do Evangelho; Palavra da Salvação..."). Como costumamos ler em casa.

4. Reservar um tempinho para que cada pessoa do grupo retome, leia e releia, contemple e medite o texto...

5. Após o tempo reservado para a leitura pessoal, as pessoas podem, livremente, partilhar o que brotou da oração. Quem coordena pode concluir o momento com sua partilha.

6. Pode-se, após a partilha, ler um texto que ajude na contemplação e aprofundamento do sentido espiritual do Evangelho. **Nos roteiros a seguir, apresentamos os textos de aprofundamento para cada domingo do mês.**

7. Para a conclusão, um salmo ou algum canto relativo àquele domingo pode ser cantado pelo grupo.

Também colocamos, ao fim de cada roteiro, as músicas indicadas para a Celebração Eucarística ou da Palavra de Deus daquele domingo, de acordo com o Hinário Litúrgico da CNBB, a fim de contribuir com a preparação dominical das comunidades da diocese. Excepcionalmente nesta edição, orientações para o Tempo Quaresmal – Tríduo Pascal – Tempo Pascal, na perspectiva do Diretório Litúrgico da CNBB e da Carta Circular *PASCHALIS SOLLEMNITATIS,* sobre a preparação das festas pascais.

II. A SEMANA SANTA[1]

27. Na Semana Santa a Igreja celebra os mistérios da salvação, levados a cumprimento por Cristo nos últimos dias da sua vida, a começar pelo seu ingresso messiânico em Jerusalém. O tempo quaresmal continua até à Quinta-feira Santa. A partir da missa vespertina "in Cena Domini" inicia-se o tríduo pascal, que abrange a Sexta-feira Santa "da paixão do Senhor" e o Sábado Santo, e tem o seu centro na vigília pascal, concluindo-se com as vésperas do domingo da ressurreição. "Os dias feriais da Semana Santa, de segunda-feira a quinta-feira inclusive, têm a precedência sobre todas as outras celebrações".[31] É oportuno que nestes dias não se celebre nem o Batismo nem a Confirmação.

a) Domingo de Ramos

28. A Semana Santa tem início no Domingo de Ramos *da paixão do Senhor*, que une num todo o triunfo real de Cristo e o anúncio da paixão. Na celebração e na catequese deste dia sejam postos em evidência estes dois aspectos do mistério pascal.[32]

29. Desde a antigüidade se comemora a entrada do Senhor em Jerusalém com a procissão solene, com a qual os cristãos celebram este evento, imitando as aclamações e os gestos das crianças hebréias, que foram ao encontro do Senhor com o canto do *Hosana*.[33]

A procissão seja uma só e feita sempre antes da missa com maior concurso de povo, também nas horas vespertinas, tanto do sábado como do domingo. Para realizá-la os fiéis reúnem-se numa igreja menor ou noutro lugar adaptado, fora da igreja para a qual a procissão se dirige. Os fiéis participam nesta procissão levando ramos de oliveira ou de outras árvores.

O sacerdote e os ministros precedem o povo, levando também eles os ramos.[34]

A bênção das palmeiras ou dos ramos é feita para os levar em procissão.

Conservados em casa, os ramos recordam aos fiéis a vitória de Cristo celebrada com a mesma procissão.

Os pastores esforcem-se por que esta procissão, em honra de Cristo Rei, seja preparada e celebrada de modo frutuoso para a vida espiritual dos fiéis.

30. O Missal Romano, para celebrar a comemoração da entrada do Senhor em Jerusalém, além da procissão solene supramencionada, apresenta outras duas formas, não para conceder comodidade e facilidade, mas tendo em consideração dificuldades que possam impedir a procissão.

A segunda forma de comemoração é a entrada solene, quando não se pode fazer a procissão fora da igreja. A terceira forma é a entrada simples, que se faz em todas as missas do domingo, no qual se realiza a entrada solene.[35]

31. Quando não se pode celebrar a missa, convém realizar uma celebração da Palavra de Deus para a entrada messiânica e a paixão do Senhor, nas horas vespertinas do sábado ou na hora mais oportuna do domingo.[36]

32. Na procissão são executados pela *schola* e pelo povo os cânticos propostos pelo Missal Romano, com os Salmos 23 e 46, e outros cânticos apropriados em honra de Cristo Rei.

33. A história da Paixão reveste particular solenidade. É aconselhável que seja cantada ou lida segundo o modo tradicional, isto é, por três pessoas que representam a parte de Cristo, do cronista e do povo.

A *Passio* é cantada ou lida pelos diáconos ou sacerdotes ou, na falta deles, pelos leitores; neste caso, a parte de Cristo deve ser reservada ao sacerdote. A proclamação da paixão é feita sem os portadores de castiçais, sem incenso, sem a saudação ao povo e sem o toque no livro; só os diáconos pedem a bênção do sacerdote, como noutras vezes antes do Evangelho.[37]

Para o bem espiritual dos fiéis, é oportuno que a história da Paixão seja lida integralmente sem omitir as leituras que a precedem.

34. Concluída a história da paixão, não se omita a homilia.

b) Missa do Crisma

35. A Missa do Crisma na qual o bispo, concelebrando com o seu presbitério, consagra o santo Crisma e benze os outros óleos, é uma manifestação da comunhão dos presbíteros com o próprio bispo, no único e mesmo sacerdócio e ministério de Cristo.[38] Chamem-se os presbíteros das diversas partes da diocese

[1] PASCHALIS SOLLEMNITATIS, sobre a preparação das festas pascais.

para participarem nesta missa, concelebrando com o bispo, como testemunhas e cooperadores seus na consagração do Crisma, visto que são os seus cooperadores e conselheiros no ministério quotidiano.
Os fiéis sejam também encarecidamente convidados a participar nesta missa e a receber o sacramento da Eucaristia durante a sua celebração.
Segundo a tradição, a Missa do Crisma é celebrada na Quinta-feira da Semana Santa. Se o clero e o povo encontram dificuldade para se reunir naquele dia com o bispo, tal celebração pode ser antecipada para outro dia, contanto que próximo da Páscoa.[39] Com efeito, o novo Crisma e o novo óleo dos catecúmenos devem ser usados na noite da vigília pascal, para a celebração dos sacramentos da iniciação cristã.
36. Celebre-se uma única missa, considerada a sua importância na vida da diocese, e a celebração seja feita na igreja catedral ou, por razões pastorais, noutra igreja[40] especialmente mais insigne.
O acolhimento aos santos óleos pode ser feito em cada uma das paróquias, antes da celebração da missa vespertina "In Cena Domini" ou noutro tempo mais oportuno. Isto poderá ajudar a fazer os fiéis compreenderem o significado do uso dos santos óleos e do Crisma, e da sua eficácia na vida cristã.

c) Celebração penitencial no final da Quaresma

37. É oportuno que o tempo quaresmal seja concluído, quer para os fiéis individualmente quer para toda a comunidade cristã, com uma celebração penitencial para preparar uma participação mais intensa no mistério pascal.[41] Esta celebração seja feita antes do tríduo pascal e não deve preceder imediatamente a missa vespertina "In Cena Domíni".

III. O TRÍDUO PASCAL EM GERAL

38. A Igreja celebra todos os anos os grandes mistérios da redenção humana, desde a missa vespertina da Quinta-feira "In Cena Domini" até às vésperas do domingo da ressurreição. Este espaço de tempo é justamente chamado o "tríduo do crucificado, do sepultado e do ressuscitado"[42] e também tríduo pascal, porque com a sua celebração se torna presente e se cumpre o mistério da Páscoa, isto é, a passagem do Senhor deste mundo ao Pai. Com a celebração deste mistério a Igreja, por meio dos sinais litúrgicos e sacramentais, associa-se em íntima comunhão com Cristo seu Esposo.
39. É sagrado o jejum pascal destes dois primeiros dias do tríduo, em que, segundo a tradição primitiva, a Igreja jejua "porque o Esposo lhe é tirado",[43] Na Sexta-feira da Paixão do Senhor, em toda a parte o jejum deve ser observado juntamente com a abstinência, e aconselha-se prolongá-lo também no Sábado Santo, de modo que a Igreja, com o espírito aberto e elevado, possa chegar à alegria do Domingo da Ressurreição.[44]
40. É recomendada a celebração comunitária do oficio da leitura e das laudes matutinas na Sexta-feira da paixão do Senhor, e também no Sábado Santo. Convém que nele participe o bispo, na medida em que é possível na igreja catedral, com o clero e o povo.[45]
Este oficio, outrora chamado *das trevas*, conserve o devido lugar na devoção dos fiéis, para contemplar em piedosa meditação a paixão, morte e sepultura do Senhor, à espera do anúncio da sua ressurreição.
41. Para o desenvolvimento conveniente das celebrações do tríduo pascal, requer-se um suficiente número de ministros e de ajudantes, que devem ser diligentemente instruídos sobre o que deverão fazer. Os pastores cuidem de explicar aos fiéis, do melhor modo possível, o significado e a estrutura dos ritos das celebrações, e de os preparar para uma participação ativa e frutuosa..
42. O canto do povo, dos ministros e do sacerdote celebrante reveste particular importância na celebração da Semana Santa e especialmente do tríduo pascal, porque está mais de acordo com a solenidade destes dias e também porque os textos obtêm maior força quando são cantados.
As conferências episcopais, se ainda não tomaram providências quanto a isto, são convidadas a propor melodias para os textos e as aclamações, que deveriam ser executados sempre com o canto. Trata-se dos seguintes textos:
a) a oração universal da Sexta-feira Santa na paixão do Senhor; o convite do diácono, se for feito, ou a aclamação do povo;
b) os textos para apresentar e adorar a cruz;

c) as aclamações na procissão com o círio pascal e na própria *proclamação da Páscoa*, o *Aleluia* responsorial, a ladainha dos santos e a aclaração após a bênção da água.
Os textos litúrgicos dos cânticos, destinados a favorecer a participação do povo, não sejam omitidos Com facilidade; as suas traduções em língua vernácula sejam acompanhadas das respectivas melodias. Se ainda não houver textos em língua vernácula para Uma liturgia cantada, sejam no entanto escolhidos outros textos semelhantes. Providencie-se oportunamente a redação de um repertório próprio para estas celebrações, a ser usado só durante o desenvolvimento das mesmas.
De modo particular sejam propostos:
a) os cânticos para a bênção e procissão dos ramos e para a entrada na igreja;
b) os cânticos para a procissão dos santos óleos;
c) os cânticos para a procissão das ofertas na missa "In Cena Domini", e o hino para a procissão, com a qual se leva o Santíssimo Sacramento para a capela da reposição;
d) as respostas dos salmos na vigília pascal e os cânticos para a aspersão da água.
Sejam preparadas melodias adaptadas para facilitar o canto dos textos da história da paixão, da *proclamação pascal* e da bênção da água batismal.
Nas igrejas maiores seja usado o tesouro abundante da música sacra, tanto antiga como moderna; tenha-se em conta, porém, a devida participação do povo.
43. E muito conveniente que as pequenas comunidades religiosas, quer clericais, quer não, e as outras comunidades laicais participem nas celebrações do t r í d u o pascal nas igrejas maiores.[46]
De igual modo, quando em algum lugar é insuficiente o número dos participantes, dos ajudantes e dos cantores, as celebrações do tríduo pascal sejam omitidas e os fiéis reunam-se noutra igreja maior.
Também onde mais paróquias pequenas são I confiadas a um só sacerdote, é oportuno que, na medida do possível, os seus fiéis se reunam na igreja principal para participar nas celebrações.
Para o bem dos fiéis, onde ao pároco é confiada a cura pastoral de duas ou mais paróquias, nas quais os fiéis participam em grande número e podem ser realizadas as celebrações com o devido cuidado e solenidade, os mesmos párocos podem repetir as celebrações do tríduo pascal, respeitando-se todas as normas estabelecidas.[47]
A fim de que os alunos dos seminários possam "viver o mistério pascal de Cristo, de modo que saibam iniciar nele o povo que lhes será confiado"[48], é necessário que recebam uma plena e completa formação litúrgica. É muito oportuno que os alunos, durante os anos da sua preparação no seminário, façam experiência das formas mais ricas de celebração das festas pascais, especialmente d a que I a s presididas pelo bispo.[49]

IV. A MISSA "IN CENA DOMINI"

44. "Com a missa celebrada nas horas vespertinas da Quinta-feira Santa, a Igreja dá início ao tríduo pascal e recorda aquela última ceia em que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser traído, tendo amado até ao extremo os seus que estavam no mundo, ofereceu a Deus Pai o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e deu-os aos apóstolos como alimento, e ordenou-lhes, a eles e aos seus sucessores no sacerdócio, que fizessem a mesma oferta".[50]
45. Toda a atenção da alma deve estar orientada para os mistérios, que sobretudo nesta missa são recordados: a saber, a instituição da Eucaristia, a instituição da Ordem sacerdotal e o mandamento do Senhor sobre a caridade fraterna: tudo isto seja explicado na homilia.
46. A missa "In Cena Domini" é celebrada nas horas vespertinas, no tempo mais oportuno para uma plena participação de toda a comunidade local. Todos os presbíteros podem concelebrá-la, ainda que tenham já concelebrado neste dia a missa do Crisma, ou então devam celebrar outra missa para o bem dos fiéis.[51]
47. Nos lugares em que seja requerido por motivos pastorais, o ordinário do lugar pode conceder a celebração de uma outra missa nas igrejas e oratórios, nas horas vespertinas e, no caso de verdadeira necessidade, também de manhã, mas só para os fiéis que não podem de modo algum tomar parte na missa vespertina. Evite-se, todavia, que estas celebrações se façam em favor de pessoas particulares ou de pequenos grupos e que não constituam um obstáculo para a missa principal.
Segundo antiquíssima tradição da Igreja, neste dia são proibidas todas as missas sem o povo.[52]

48. Antes da celebração, o tabernáculo deve estar vazio.[53] As hóstias para a comunhão dos fiéis devem ser consagradas na mesma celebração da missa.[54] Consagrem-se nesta missa hóstias em quantidade suficiente para este dia e para o dia seguinte.

49. Reserve-se uma capela para a conservação do Santíssimo Sacramento e seja ela ornada de modo conveniente, para que possa facilitar a oração e a meditação: recomenda-se o respeito daquela sobriedade que convém à liturgia destes dias, evitando ou removendo qualquer abuso contrário.[55]

Se o tabernáculo é colocado numa capela separada da nave central, convém que nela seja disposto o lugar para a reposição e a adoração.

50. Durante o canto do hino *Glória a Deus* toquem-se os sinos. Concluído o canto, eles permanecerão silenciosos até à vigília pascal, segundo os costumes locais; a não ser que a Conferência Episcopal ou o ordinário do lugar determinem diversamente, segundo a oportunidade.[56] Durante este tempo o órgão e os outros instrumentos musicais podem ser utilizados só para sustentar o canto.[57]

51. O lava-pés que, por tradição, é feito neste dia a alguns homens escolhidos, significa o serviço e a caridade de Cristo, que veio "não para ser servido, mas para servir".[58] Convém que esta tradição seja conservada e explicada no seu significado próprio.

52. Durante a procissão das ofertas, enquanto o povo canta o hino *Onde há caridade* e *amor*, podem ser apresentados os dons para os pobres, especialmente os que foram recolhidos no tempo quaresmal como frutos de penitência.[59]

53. Para os doentes que recebem a Comunhão em casa, é mais oportuno que a Eucaristia, tomada da mesa do altar no momento da Comunhão, seja a eles levada pelos diáconos ou acólitos ou ministros extraordinários, para que possam assim unir-se de maneira mais intensa à Igreja que celebra.

54. Concluída a oração após a Comunhão, forma-se a procissão que, passando pela igreja, acompanha o Santíssimo Sacramento ao lugar da reposição. A procissão é precedida pelo cruciferário; levam-se os círios acesos e o incenso. Durante a procissão, canta-se o hino *pange língua* ou outro cântico eucarístico.[60] A procissão e a reposição do Santíssimo Sacramento não podem ser feitas nas igrejas em que na Sexta-feira Santa não se celebra a paixão do Senhor.[61]

55. O Sacramento seja conservado num tabernáculo fechado. Nunca se pode fazer a exposição com o ostensório. O tabernáculo ou o cibório não deve ter a forma de um sepulcro.

Evite-se o termo mesmo de *sepulcro*: com efeito, a capela da reposição é preparada não para representar *a sepultura do Senhor*, mas para conservar o pão eucarístico para a Comunhão, que será distribuída na Sexta-feira da paixão do Senhor.

56. Convidem-se os fiéis a permanecer na igreja, depois da missa "In Cena Domini", por um determinado espaço de tempo na noite, para a devida adoração ao Santíssimo Sacramento solenemente ali conservado neste dia. Durante a adoração eucarística prolongada pode ser lida uma parte do Evangelho segundo João (cap. 13-17). Após a meia-noite, esta adoração seja feita sem solenidade, já que começou o dia da paixão do Senhor.[62]

57. Concluída a missa é desnudado o altar da celebração. Convém cobrir as cruzes da igreja com um véu de cor vermelha ou roxa, a não ser que já tenham sido veladas no sábado antes do V domingo da Quaresma. Não se podem acender velas ou lâmpadas diante das imagens dos santos.

V. A SEXTA-FEIRA SANTA

58. Neste dia, em que "Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado"[63], a Igreja, com a meditação da paixão do seu Senhor e Esposo e adorando a cruz, comemora o seu nascimento do lado de Cristo que repousa na cruz, e intercede pela salvação do mundo todo.

59. A Igreja, seguindo uma antiquíssima tradição, neste dia não celebra a Eucaristia; a sagrada Comunhão é distribuída aos fiéis só durante a celebração da paixão do Senhor; aos doentes, impossibilitados de participar desta celebração, pode-se levar a Comunhão a qualquer hora do, dia.[64]

60. A Sexta-feira da paixão do Senhor é dia de penitência obrigatória para a Igreja toda, a ser observada com a, abstinência e o jejum.[65]

61. Está proibido celebrar neste dia qualquer sacramento, exceto os da Penitência e da Unção dos Enfermos.[66] As exéquias sejam celebradas sem canto e sem o som do órgão e dos sinos. 62.

Recomenda-se que o ofício da leitura e as laudes deste dia sejam celebrados nas igrejas, com participação do povo (cf. n. 40).

63. A celebração da paixão do Senhor deve ser realizada depois do meio-dia, especialmente pelas três horas da tarde. Por razões pastorais pode-se escolher outra hora mais conveniente, para que os fiéis possam reunir-se com mais facilidade: por exemplo, desde o meio-dia até ao entardecer, mas nunca depois das vinte e uma horas.[67]

64. Respeite-se religiosa e fielmente a estrutura da ação litúrgica da paixão do Senhor (liturgia da palavra, adoração da cruz e sagrada Comunhão), que provém da antiga tradição da Igreja. A ninguém é licito introduzir-lhe mudanças de próprio arbítrio.

65. O sacerdote e os ministros dirigem-se para o altar em silêncio, sem canto. No caso de alguma palavra de introdução, esta deve ser feita antes da entrada dos ministros.

O sacerdote e os ministros, feita a reverência ao altar, prostram-se: esta prostração, que é um rito próprio deste dia, seja conservada diligentemente, pois significa não só a humilhação do "homem terreno"[68], mas também a tristeza e a dor da Igreja.

Durante a entrada dos ministros os fiéis permanecem em pé, e depois ajoelham-se e oram em silêncio.

66. As leituras devem ser lidas integralmente. O Salmo responsoriaI e a aclamação ao Evange lho sejam executados no modo habitual. A história da paixão do Senhor segundo João é cantada ou lida, como no domingo precedente (cf. n. 33). Depois da leitura da paixão, faça. se a homilia e, ao final da mesma, os fiéis podem ser convidados a permanecer em meditação por um breve tempo.[69]

67. A oração universal deve ser feita segundo o texto e a forma transmitidos pela antigüidade, com toda a amplitude de intenções, que expressam o valor universal da paixão de Cristo, pregado na cruz para a salvação do mundo inteiro. Em caso de grave necessidade pública, o Ordinário do lugar pode permitir ou estabelecer que se acrescente alguma intenção especial.[70]

É consentido ao sacerdote escolher, entre as intenções propostas no Missal, aquelas mais adequadas às condições do lugar, contanto que se mantenha a ordem das intenções, indicada para a oração universal.[71]

68. A cruz a ser apresentada ao povo seja suficientemente grande e artística. Das duas formas indicadas no Missal para este rito, escolha-se a mais adequada. Este rito deve ser feito com um esplendor digno da glória do mistério da nossa salvação: tanto o convite feito ao apresentar a cruz como a resposta dada pelo povo sejam feitos com o canto. Não se omita o silêncio reverente depois de cada uma das prostrações, enquanto o sacerdote celebrante, permanecendo de pé, mostra elevada a cruz.

69. Apresente-se a cruz à adoração de cada um dos fiéis, porque a adoração pessoal da cruz é um elemento muito importante desta celebração. No caso de uma assembleia muito numerosa, use-se o rito da adoração feita contemporaneamente por todos.[72]

Use-se uma única cruz para a adoração, tal como o requer a verdade do sinal. Durante a adoração da cruz cantem-se as antífonas, os "impropérios" e o hino, que recordam com lirismo a história da salvação[73], ou então outros cânticos adequados (cf. n. 42).

70. O sacerdote canta a introdução ao Pai-Nos, so, que é cantado por toda a assembleia. Não se dá o sinal da paz.

A Comunhão é distribuída segundo o rito descrito no Missal. Durante a Comunhão pode-se cantar o Salmo[74], ou outro cântico apropriado. Concluída a distribuição da Comunhão, a píxide é levada para o lugar já preparado fora da igreja.

71. Depois da Comunhão procede-se à desnudação do altar, deixando a cruz no centro, com quatro castiçais. Disponha-se na igreja um lugar adequado (por exemplo, a capela da reposição da Eucaristia na Quinta-feira Santa), para colocar ali a cruz, a fim de que os fiéis possam adorá-la, beijá-la e permanecer em oração e meditação.

72. Pela sua importância pastoral, sejam valorizados os pios exercícios, como a *Via-sacra*, as procissões da paixão e a memória das dores da bem-aventurada Virgem Maria. Os textos e os cânticos destes pios exercícios correspondam ao espírito litúrgico deste dia. O horário desses pios exercícios e o da celebração

litúrgica sejam de tal modo dispostos, que apareça claro que a ação litúrgica, por sua mesma natureza, está acima dos pios exercícios. 7.

VI. O SÁBADO SANTO

73. Durante o Sábado Santo a Igreja permanece junto do sepulcro do Senhor, meditando a sua paixão e morte, a sua descida aos infernos[75], e esperando na oração e no jejum a sua ressurreição. Recomenda-se com insistência a celebração do oficio da leitura e das laudes com a participação do povo (cf. n. 40). Onde isto não é possível, prepare-se uma celebração da palavra ou um pio exercício que corresponda ao mistério deste dia.[76]

74. Podem ser expostas na igreja, para a veneração dos fiéis, a imagem de Cristo crucificado ou deposto no sepulcro, ou uma imagem da sua descida aos infernos, que ilustra o mistério do Sábado Santo, bem como a imagem da Santíssima Virgem das Dores.

75. Neste dia a Igreja abstém-se absolutamente do sacrifício da missa.[77] A sagrada Comunhão só pode ser dada como viático. Não se conceda a celebração de matrimônios nem a administração de outros sacramentos, exceto os da Penitência e da Unção dos Enfermos.

76. Os fiéis sejam instruídos sobre a natureza particular do Sábado Santo.[78] Os usos e as tradições de festa vinculados com este dia por causa da antiga antecipação da vigília para o Sábado Santo devem ser transferidos para a noite ou para o dia da Páscoa.

VII. O DOMINGO DE PÁSCOA

A) A vigília pascal da noite santa

77. Segundo uma antiquíssima tradição, esta noite é "em honra do Senhor"[79], e a vigília que nela se celebra, comemorando a noite santa em que o Senhor ressuscitou, deve ser considerada como "mãe de todas as santas vigílias".[80] Nesta vigília, de fato, a Igreja permanece à espera da ressurreição do Senhor e celebra-a com os sacramentos da iniciação cristã.[81]

A. a) Significado da característica noturna da vigília pascal

78. "Toda a vigília pascal seja celebrada durante a noite, de modo que não comece antes do anoitecer e sempre termine antes da aurora de domingo",[82] Esta regra deve ser interpretada estritamente. Qualquer abuso ou costume contrário, às vezes verificado, de se antecipar a hora da celebração da vigília pascal para horas em que, habitualmente, se celebram as missas vespertinas antes dos domingos, deve ser reprovado.[83] As razões apresentadas para antecipar a vigília pascal, como por exemplo a insegurança pública, não se têm em conta no caso da noite de Natal ou de reuniões que se realizam de noite.

79. A vigília pascal, na qual os judeus esperaram a passagem do Senhor que os libertaria da escravidão do Faraó, foi por eles observada como memorial a ser celebrado todos os anos; era a figura da futura e verdadeira Páscoa de Cristo, isto é, da noite da verdadeira libertação, na qual.. Jesus rompeu o inferno, ao ressurgir da morte vencedor".[84]

80. Desde o início a Igreja tem celebrado a Páscoa anual, solenidade das solenidades, com uma vigília noturna. Com efeito, a ressurreição de Cristo é o fundamento da nossa fé e da nossa esperança, e por meio do Batismo e da Confirmação fomos inseridos no mistério pascal de Cristo: mortos, sepultados e ressuscitados com Ele, com Ele também havemos de reinar.[85]

Esta vigília é também espera da segunda vinda do Senhor.[86]

b) A estrutura da vigília pascal e a importância dos seus elementos e das suas partes

81. A vigília tem a seguinte estrutura: depois do *lucernário* e da *proclamação* da Páscoa (primeira parte da vigília), a santa Igreja contempla as *maravilhas* que Deus operou em favor do seu povo desde o início (segunda parte ou liturgia da Palavra), até ao momento em que, com os seus membros regenerados pelo Batismo (terceira parte), é convidada à mesa, preparada pelo Senhor para o seu povo, memorial da sua morte e ressurreição, à espera da sua nova vinda (quarta parte).[87]

Esta estrutura dos ritos por ninguém pode ser mudada arbitrariamente.

82. A primeira parte compreende ações simbólicas e gestos, que devem ser realizados com tal dignidade e expressividade, de maneira que os fiéis possam verdadeiramente compreender o significado, sugerido pelas advertências e orações litúrgicas.

Na medida em que for possível, prepare-se fora da igreja, em lugar conveniente, o braseiro para a bênção do fogo novo, cuja chama deve ser tal que dissipe as trevas e ilumine a noite.
Prepare-se o círio pascal que, no respeito da veracidade do sinal, "deve ser de cera, novo cada ano, único, relativamente grande, nunca artificial, para poder recordar que Cristo é a luz do mundo. A bênção do círio seja feita com os sinais e palavras indicados no Missal ou por outros aprovados pela Conferência Episcopal.[88]
83. A procissão com que o povo entra na igreja deve ser iluminada unicamente pela luz do círio pascal. Assim como os filhos de Israel eram guiados de noite pela coluna de fogo, assim também os cristãos, por sua vez, seguem a Cristo ressuscitado. Nada impede que, a cada resposta *Demos graças a Deus*!, se acrescente outra aclamação dirigida a Cristo.
A luz do círio pascal passará, gradualmente, às velas que os fiéis têm em suas mãos, permanecendo ainda apagadas as lâmpadas elétricas.
84. O diácono faz a proclamação da Páscoa, magnífico poema lírico que apresenta todo o mistério pascal inserido na economia da salvação. Se necessário, ou por falta de diácono ou por impossibilidade do sacerdote celebrante, tal proclamação seja confiada a um cantor. As conferências episcopais podem adaptar convenientemente esta *proclamação*, introduzindo nela algumas aclamações da assembléia.[89]
85. As leituras da Sagrada Escritura formam a segunda parte da vigília. Elas descrevem os acontecimentos culminantes da história da salvação, que os fiéis devem poder tranqüilamente meditar por meio do canto do Salmo responsorial, do silêncio e da oração do celebrante.
O renovado Ordo da vigília compreende sete leituras do Antigo Testamento, tomadas dos livros da lei e dos profetas, já utilizadas com freqüência nas antigas tradições litúrgicas tanto do Oriente como do Ocidente; e duas leituras do Novo Testamento, tomadas das cartas dos apóstolos e do Evangelho. Desta maneira, a Igreja "começando por Moisés e seguindo pelos profetas"[90], interpreta o mistério pascal de Cristo. Portanto, na medida em que for possível, leiam-se todas as leituras de maneira que se respeite completamente a natureza da vigília pascal, que exige uma certa duração.
Todavia, onde as circunstâncias de natureza pastoral exigem que se reduza ainda o número das leituras, leiam-se ao menos três do Antigo Testamento, a saber, dos livros da lei e dos profetas; nunca se pode omitir a leitura do capítulo 14 do Êxodo, com o seu cântico.[91]
86. O significado tipológico dos textos do Antigo Testamento tem as suas raízes no Novo, e aparece sobretudo na oração pronunciada pelo celebrante depois de cada uma das leituras; para chamar a atenção dos fiéis, poderá ser também útil uma breve introdução para que compreendam o significado das mesmas. Tal introdução pode ser feita pelo próprio sacerdote celebrante ou pelo diácono. As Comissões litúrgicas nacionais ou diocesanas poderão cuidar da preparação de subsídios oportunos, que sirvam de ajuda aos pastores.
Depois da leitura canta-se o salmo com a resposta do povo. Na repetição destes diversos elementos mantenha-se um ritmo que possa favorecer a participação e a devoção dos fiéis.[92] Evite-se com todo o cuidado que os salmos sejam substituídos por canções populares.
87. No final das leituras do Antigo Testamento canta-se o *Glória a Deus*, tocam-se os sinos segundo os usos locais, pronuncia-se a oração e passa-se às leituras do Novo Testamento. Lê-se a exortação do apóstolo sobre o Batismo, entendido como inserção no mistério pascal de Cristo.
Depois, todos se levantam: o sacerdote entoa por três vezes o *Aleluia*, elevando gradualmente a voz, e o povo repete-o.[93] Se necessário, o sal. mista ou um cantor entoa o *Aleluia*, que o povo prossegue intercalando a aclamação entre os versículos do Salmo 117, tantas vezes citado pelos apóstolos na pregação pascal.[94] Por fim, com o Evangelho é anunciada a ressurreição do Senhor, como ápice de toda a liturgia da Palavra. Não se deve omitir a homilia, ainda que seja breve.
88. A terceira parte da vigília é constituída pela liturgia batismal. A Páscoa de Cristo e nossa é agora celebrada no sacramento. Isto pode ser expresso de maneira mais completa nas igrejas que têm a fonte batismal, e sobretudo quando tem lugar a iniciação cristã dos adultos ou, pelo menos, o batismo de crianças.[95] Mesmo que não haja a cerimônia do Batismo, nas igrejas paroquiais deve-se fazer a bênção da água batismal. Quando esta bênção não é feita na fonte batismal mas no presbitério, num segundo

momento a água batismal seja levada ao batistério, onde será conservada durante todo o tempo pascal.[96] Onde não haja a cerimônia do Batismo nem se deva benzer a água batismal, a memória do Batismo é feita na bênção da água que depois servirá para aspergir o povo.[97]

89. Em seguida tem lugar a renovação das promessas batismais, introduzida com uma palavra do celebrante. Os fiéis, de pé e com as velas acesas na mão, respondem às interrogações.

Depois eles são aspergidos com a água: desse modo, gestos e palavras recordam-lhes o Batismo recebido. O sacerdote celebrante asperge o povo passando pela nave da igreja, enquanto todos cantam a antífona *Vidi aquam* ou outro cântico de caráter batismal.[98]

90. A celebração da Eucaristia forma a quarta parte da vigília e o seu ápice, sendo de modo pleno o sacramento da Páscoa, ou seja, memorial do sacrifício da cruz e presença de Cristo ressuscitado, consumação da iniciação cristã e antegozo da Páscoa eterna.

91. Recomenda-se não celebrar apressadamente a liturgia eucarística; é muito conveniente que todos os ritos e as palavras que os acompanham alcancem toda a sua força expressiva: a oração universal, mediante a qual os neófitos participam pela primeira vez como fiéis e exercem o seu sacerdócio real[99]; a procissão do ofertório, com a participação dos neófitos, se estiverem presentes; a oração eucarística primeira, segunda ou terceira, possivelmente cantada, com os seus embolismos próprios[100]; a comunhão eucarística, que é o momento da plena participação no mistério celebrado. Durante a Comunhão é oportuno' cantar o Salmo 117, com a antífona *Cristo*, *nossa Páscoa*, *ou* o Salmo 33, com a antífona *Aleluia*, *Aleluia*, *Aleluia*, ou outro cântico de júbilo pascal.

92. É muito desejável que na comunhão da vigília pascal se alcance a plenitude do sinal eucarístico, recebido sob as espécies do pão e do vinho. O ordinário do lugar julgue sobre a oportunidade desta concessão e das suas modalidades.[101]

c) Algumas advertências pastorais

93. A liturgia da vigília pascal seja realizada de modo a poder oferecer ao povo cristão a riqueza dos ritos e das orações; é importante que seja respeitada a verdade dos sinais, se favoreça a participação dos fiéis e seja assegurada a presença de ministros, leitores e cantores.

94. É desejável que, segundo as circunstâncias, seja prevista a reunião de diversas comunidades numa mesma igreja, quando, por razão da proximidade das igrejas ou do reduzido número de participantes, não se possa ter uma celebração completa e festiva. Favoreça-se a participação de grupos particulares na celebração da vigília pascal, na qual todos os fiéis, formando uma única assembléia, possam experimentar de modo mais profundo o sentido de pertença à mesma comunidade eclesial.

Os fiéis que, por motivo das férias, estão ausentes da própria paróquia sejam convidados participar na celebração litúrgica no lugar onde se encontram.

95. Ao anunciar a vigília pascal, evite-se apresentá-la como o último ato do Sábado Santo. Diga-se antes que a vigília pascal se celebra "na noite da Páscoa" e como um único ato de culto. Recomenda-se encarecidamente aos pastores insistir na formação dos fiéis sobre a importância de se participar em toda a vigília pascal.[102]

96. Para poder celebrar a vigília pascal com o máximo proveito, convém que os próprios pastores adquiram um conhecimento melhor tanto dos textos como dos ritos, a fim de poderem dar uma mistagogia que seja autêntica.

B) O dia da Páscoa

97. A missa do dia da Páscoa deve ser celebrada com grande solenidade. Em lugar do ato penitencial, é muito conveniente fazer a aspersão com a água benzida durante a celebração da vigília. Durante a aspersão, pode-se cantar a antífona *Vidi aquam* ou outro cântico de caráter batismal. Com essa mesma água convém encher os recipientes (vasos, pias) que se encontram à entrada da igreja,

98. Conserve-se, onde ainda está em vigor, ou, segundo a oportunidade, instaure-se a tradição de celebrar as vésperas batismais do dia da Páscoa, durante as quais ao canto dos salmos se faz a procissão à fonte. [103]

99. O círio pascal, colocado junto do ambão ou perto do altar, permaneça aceso ao menos em todas as celebrações litúrgicas mais solenes deste tempo, tanto na missa como nas laudes e vésperas, até ao domingo de Pentecostes, Depois, o círio é conservado bom a devida honra no batistério, para acender nele os círios dos neo-batizados. Na celebração das exéquias o círio pascal seja colocado junto do féretro, para indicar que a morte é para o cristão a sua verdadeira Páscoa. Fora do tempo da Páscoa não se acenda o círio pascal nem seja conservado no presbitério. [104]

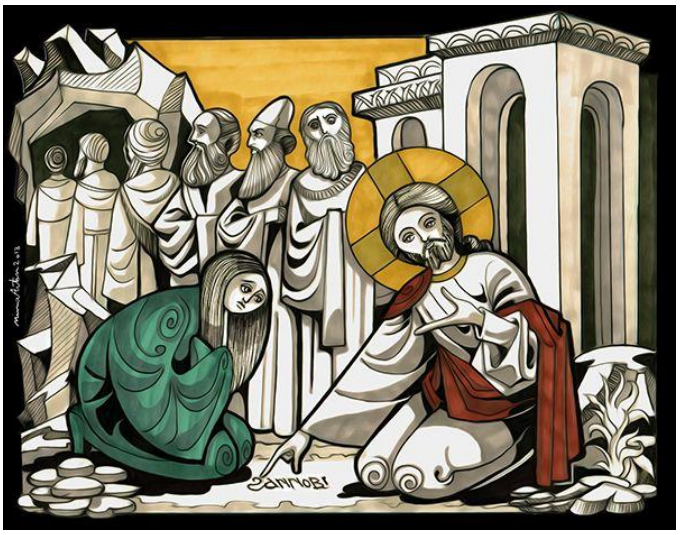
5º Domingo da Quaresma – 07/04/2019

Domingo da mulher perdoada

1. Silêncio... Refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Jo 8, 1-11.

3. Para ampliar a leitura:



Enzo Bianchi, monge de Bose

Ao término de um longo e turbulento migrar entre os manuscritos, ele foi inserido no Evangelho segundo João, depois do sétimo capítulo e antes do versículo 15 do oitavo. Não é uma cena incomum: muitas vezes, os Evangelhos anotam que os adversários de Jesus tentam colocá-lo em contradição com a Lei de Deus, para poder acusá-lo de blasfêmia, de desobediência ao Deus vivo.

Para aqueles escribas e fariseus, na realidade, a mulher não lhes importava nada; para eles, era importante encontrar motivos de condenação contra Jesus: eles não queriam apedrejar a adúltera, mas apedrejar Jesus! Esses homens religiosos irrompem na audiência de Jesus, levante diante d'Ele uma mulher pega em flagrante adultério, colocam-na no meio de todos e se apressam a declarar: "Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar mulheres como essa".

Tal declaração parece formalmente impecável, porque cita a Lei; a um olhar atento, porém, capta-se que o seu recurso à Torá é parcial. A Lei, de fato, previa a pena de morte para ambos os adúlteros e atestava a mesma pena, mediante apedrejamento, enquanto, se já fossem casados, então se recorria ao estrangulamento.

Porém, é altamente significativo que apenas ela tenha sido capturada e levada diante de Jesus, enquanto o homem que cometeu adultério com ela e, de acordo com a Lei, é tão culpado quanto ela não é nem imputado nem levado a julgamento!

Tentemos nos deter por um momento nessa cena. Há alguns que levaram uma mulher a Jesus, para que seja condenada. Mas Jesus começa a responder aos acusadores falando com o corpo, não com palavras: inclina-se, abaixando-se, rompe o círculo da "violência mimética" (René Girard), despedaça a cara a cara com aqueles fariseus e põe-se a escrever no chão, em absoluto silêncio.

Da posição de quem está sentado, Ele passa para a de quem se inclina para o chão; além disso, desse modo, se inclina diante da mulher que está de pé diante d'Ele! No entanto, como os acusadores insistem em interrogá-Lo, depois daquele longo e, para eles, desconfortável silêncio preenchido apenas pela sua mímica profética, Jesus se levanta e não responde diretamente à questão que lhe foi feita, mas faz uma afirmação que contém em si mesma também uma pergunta: "Quem de vocês não tiver pecado, atire nela a primeira pedra". Depois, inclina-se de novo e volta a escrever no chão.

Assim, uma palavra de Jesus, uma única palavra, mas incisiva (a ponto de ter se tornado proverbial) e autêntica, uma daquelas perguntas que nos agitam e nos fazem ler em profundidade a nós mesmos, impede que aqueles homens façam violência em nome da Lei. Só Deus e, portanto, só Jesus poderia condenar aquela mulher.

Pois bem, aqui, Jesus – que se me permita dizer – "evangeliza" Deus, isto é, torna Deus Evangelho, boa notícia para aquela mulher. Jesus, o único homem que narrou Deus em plenitude, que foi a Sua exegese viva, afirma que, diante do pecador, da pecadora, Deus tem apenas um sentimento: não a condenação, não o castigo, mas o desejo de que se converta e viva.

Jesus, enviado por Deus "não para condenar o mundo, mas para salvar o mundo", aqui também, age como tinha anunciado no início do Seu ministério: "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores".

Somente quando todos foram embora, Ele se levanta e se coloca diante da mulher. Ela, posta ali de pé no meio de todos, agora é finalmente restituída à sua identidade de mulher e vê Jesus de pé diante de si: assim, é possível o encontro verdadeiro.

Por fim, Jesus conclui esse encontro com uma afirmação extraordinária: "Eu também não a condeno. Pode ir, e não peque mais". São palavras absolutamente gratuitas e unilaterais. Eis a gratuidade dessa absolvição: Jesus não condena, porque Deus não condena, mas, com esse seu ato de misericórdia preventiva, oferece à mulher a possibilidade de mudar.

Não sabemos se essa mulher perdoada, depois do encontro com Jesus, mudou de vida; sabemos apenas que, para que ela mudasse de vida e voltasse a viver, Deus, que não quer a morte do pecador, perdoou-a através de Jesus e a enviou para a liberdade: "Vá, vá para você mesma e não peque mais"... As pessoas religiosas gostariam que, nesse ponto, Jesus tivesse dito à mulher: "Você se examinou? Sabe o que fez? Compreende a gravidade disso? Está arrependida da sua culpa? Detesta-a? Promete que não vai mais fazer isso? Está disposta a sofrer a pena justa?".

Essas omissões nas palavras de Jesus escandalizam ainda, hoje como ontem! Nenhuma condenação, apenas misericórdia: aqui está a grandeza e a unicidade de Jesus. Esse encontro entre Jesus e a mulher surpreendida em adultério não nos revela apenas a misericórdia de Jesus, mas também a Sua capacidade de defender a mulher de um círculo de homens, sempre prontos para justificar a si mesmos e condenar as mulheres.

Infelizmente toda a história dos fiéis, da antiga como da nova aliança, testemunharia esse "olho espião, exigente e condenador" dos homens religiosos contra as mulheres, consideradas culpadas pela sua condição – dizem os homens – de criaturas sempre tentadoras e fáceis à tentação.

Esse exemplo de Jesus seria pouco compreendido e ainda menos vivido, mas, mesmo assim, seria memorizado no Evangelho, e sempre haverá leitores que encontrarão nele uma boa notícia.

Sugestão de repertório para o 5º Domingo da Quaresma:

Refrão Meditativo: Deus é amor (CD de Taizé)

Abertura: Ah, se o povo de Deus no Senhor cresse! (CD CF 2019, faixa 03) ou A mim, ó Deus, fazei justiça (CD CF 2019, faixa 06)

Salmo responsorial: Maravilhas, fez conosco o Senhor (CD Liturgia XIV, melodia igual a faixa 15)

Aclamação: Jesus Cristo, sois bendito! (CD CF 2019, faixa 11) ou Honra, glória, poder e louvor (CD Liturgia XIV, faixa 12)

Apresentação das oferendas: Todo povo sofredor (CD Liturgia XIV, faixa 13)

Comunhão: Feliz aquele a quem Deus perdoa Sl 32 (31) do ODC – Ofício Divino das Comunidades
link: https://www.youtube.com/watch?v=tfoQ_tHIFT8

Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor – 14/04/2019

Semana Santa

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Mt 21, 1-11

3. Texto para aprofundamento da leitura:

Dos Sermões de Santo André de Creta, bispo

Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel. Vinde, subamos juntos ao monte das Oliveiras e corramos ao encontro de Cristo, que hoje volta de Betânia e se encaminha voluntariamente para aquela venerável e santa Paixão, a fim de realizar o mistério de nossa salvação.

Caminha o Senhor livremente para Jerusalém, ele que desceu do céu por nossa causa – prostrados que estávamos por terra – para elevar-nos consigo bem acima de toda autoridade, poder, potência e soberania ou qualquer título que se possa mencionar (Ef 1,21), como diz a Escritura.

O Senhor vem, mas não rodeado de pompa, como se fosse conquistar a glória. Ele não discutirá, diz a Escritura, nem gritará, e ninguém ouvirá sua voz (Mt 12,19; cf. Is 42,2). Pelo contrário, será manso e humilde, e se apresentará com vestes pobres e aparência modesta.

Acompanhemos o Senhor, que corre apressadamente para a sua Paixão e imitemos os que foram ao seu encontro. Não para estendermos à sua frente, no caminho, ramos de oliveira ou de palma, tapetes ou mantos, mas para nos prostrarmos a seus pés, com humildade e retidão de espírito, a fim de recebermos o Verbo de Deus que se aproxima, e acolhermos aquele Deus que lugar algum pode conter.

Alegra-se Jesus Cristo, porque deste modo nos mostra a sua mansidão e humildade, e se eleva, por assim dizer, sobre o ocaso (cf. Sl 67,5) de nossa infinita pequenez; ele veio ao nosso encontro e conviveu conosco, tornando-se um de nós, para nos elevar e nos reconduzir a si.

Diz um salmo que ele subiu pelo mais alto dos céus ao Oriente (cf. Sl 67,34), isto é, para a excelsa glória da sua divindade, como primícias e antecipação da nossa condição futura; mas nem por isso abandonou o gênero humano, porque o ama e quer elevar consigo a nossa natureza, erguendo-a do mais baixo da terra, de glória em glória, até torná-la participante da sua sublime divindade.

Portanto, em vez de mantos ou ramos sem vida, em vez de folhagens que alegram o olhar por pouco tempo, mas depressa perdem o seu verdor, prostremo-nos aos pés de Cristo. Revestidos de sua graça, ou melhor, revestidos dele próprio, – vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo (Gl 3,27) – prostremo-nos a seus pés como mantos estendidos.

Éramos antes como escarlate por causa dos nossos pecados,mas purificados pelo batismo da salvação, nos tornamos brancos como a lã. Por conseguinte, não ofereçamos mais ramos e palmas ao vencedor da morte, porém o prêmio da sua vitória.

Agitando nossos ramos espirituais, o aclamemos todos os dias, juntamente com as crianças, dizendo estas santas palavras: "Bendito o que vem em nome do Senhor, o rei de Israel".

Sugestões de repertório para a Domingo de Ramos:

Refrão meditativo: Eles queriam um grande Rei
Abertura: Hosana ao Filho de Davi (CD Liturgia XIII, faixa 14)
Procissão de ramos: Os filhos dos hebreus (CD Liturgia XIII, faixa 16) *ou* Hosana, hosana e viva! (CD Liturgia XIII, faixa 15) *ou* Glória, louvor e honra a ti (CD Liturgia XIV, faixa 18)
Salmo responsorial: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (CD Liturgia XIV, melodia igual a da faixa 11 ou faixa 15)
Aclamação: Salve, ó Cristo obediente (CD Tríduo Pascal I, faixa 12)
Apresentação das Oferendas: Ó morte, estás vencida (CD Liturgia XIII, faixa 18)
Comunhão: Lá na beira dos rios da Babilônia (https://www.youtube.com/watch?v=p3wOJ-qVrPA) *ou* Eu vim para que todos tenham vida (CD Tríduo Pascal I, faixa 19)

Páscoa do Senhor - Ceia - 18/04/2019

Páscoa da Ceia - 1º dia do tríduo

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Jo 13,1-15

3. Para ampliar a leitura:

DESPEDIDA INESQUECÍVEL

José Antônio Pagola

Também Jesus sabe que suas horas estão contadas. No entanto não pensa em se esconder ou fugir. O que faz é organizar um jantar especial de despedida com os amigos e amigas mais próximos. É um momento grave e delicado para ele e para os seus discípulos: quer vivê-lo em toda a sua expressão. É uma decisão pensada.

Consciente da iminência de sua morte, precisa de partilhar com os seus a sua confiança total no Pai mesmo nesta hora. Quer prepará-los para um golpe tão duro; sua execução não pode afundá-los na tristeza ou desespero. Têm que partilhar juntos as interrogações que acordam em todos eles: o que vai ser do reino de Deus sem Jesus? O que devem fazer os seus seguidores? Daqui para frente onde vão alimentar a sua esperança na vinda do reino de Deus?

Aparentemente, não se trata de um jantar pascal. É verdade que algumas fontes indicam que Jesus quis comemorar com os seus discípulos o jantar da Páscoa ou Seder, na qual os judeus comemoram a libertação da escravidão egípcia. No entanto, ao descrever o banquete, não se faz uma alusão à liturgia da Páscoa, nada se diz do Cordeiro pascal nem das ervas amargas que se come essa noite, não se recorda ritualmente a saída do Egito, tal como estava prescrito.

Por outro lado, é impensável que essa mesma noite em que todas as famílias estavam comemorando o jantar mais importante do calendário judeu, os sumos sacerdotes e os seus ajudantes deixaram tudo isso para tratar da detenção de Jesus e organizar uma reunião noturna com o fim de ir concretizando as acusações mais graves contra Ele. Parece mais plausível a informação de outra fonte que coloca a ceia de Jesus antes da festa da Páscoa, pois nos diz que Jesus é executado em 14 de nisán, na véspera da Páscoa.

Assim, não parece possível estabelecer com segurança o caráter pascal da última ceia. Provavelmente, Jesus peregrinou até Jerusalém para celebrar a Páscoa com seus discípulos, mas não conseguiu realizar o seu desejo, pois foi preso e executado antes de chegar essa noite. No entanto, sim, deu tempo para realizar um jantar de despedida.

Em qualquer caso, não é uma comida normal, mas um jantar solene, o último de tantos outros que tinham celebrado pelas aldeias da Galiléia. Beberam vinho, como se fazia nas grandes ocasiões; jantaram deitados para ter uma mesa tranquila, não sentados, como o faziam cada dia.

Provavelmente não é um jantar de Páscoa, mas no ambiente já se respira a excitação das festas pascais. Os peregrinos fazem seus últimos preparativos: adquirem pão e compram seu cordeiro pascal. Todos procuram um lugar nas pousadas ou nos pátios e terraços das casas. Também o grupo de Jesus procura um lugar tranquilo. Essa noite Jesus não se retira à Betânia como nos dias anteriores. Fica em Jerusalém. Sua despedida tem de se realizar na cidade santa. Os relatos dizem que ele realizou o jantar com os doze, mas não devemos excluir a presença de outros discípulos e discípulas que vieram com ele em peregrinação. Seria muito estranho que, contra o seu hábito de dividir a mesa com todo o tipo de pessoas, mesmo pecadores, Jesus tomasse de repente uma atitude tão seletiva e restrita.

Podemos saber o que se passou realmente nesse jantar? Jesus considerava os almoços e jantares que fazia na Galiléia como símbolo e antecipação do banquete final no reino de Deus. Todos conhecem essas refeições animadas pela fé de Jesus no reino definitivo do Pai. É um dos seus traços característicos enquanto percorre as aldeias.

Também esta noite, aquele jantar lhe faz pensar no banquete final do Reino. Dois sentimentos penhoram a Jesus. Primeiro, a certeza da sua morte iminente; Ele não pode evitar: aquela é a última bebida que vai compartilhar com os seus; todos sabem: Não há como ter ilusões. Ao mesmo tempo, a sua

confiança inabalável no reino de Deus, ao que dedicou sua vida inteira. Fala com clareza: "Garanto-vos: já não beberei do fruto da videira até o dia em que o beba novo, no reino de Deus". A morte está próxima. Jerusalém não quer responder à sua chamada. Sua atividade como profeta e portador do Reino de Deus vai ser violentamente truncada, mas sua execução não vai impedir a chegada do reino de Deus que será anunciado a todos. Jesus mantém inalterável sua fé nessa intervenção salvadora de Deus. Tem a certeza da validade de sua mensagem. Sua morte não tem de destruir a esperança de ninguém. Deus não vai recuar. Um dia Jesus se sentará à mesa para celebrar, com uma bebida na mão, o banquete eterno de Deus com os seus filhos e filhas. Beber um vinho "novo" e partilhar juntos a festa final do Pai. O jantar desta noite é um símbolo.

Movido por esta convicção, Jesus se prepara para animar o jantar e contagiar os seus discípulos com a sua esperança. Começa com a comida seguindo a tradição judaica: fica em pé, toma nas suas mãos o pão e pronuncia, em nome de todos, uma bênção a Deus, ao qual todos respondem dizendo "Amém". Depois de partir o pão distribui um pedaço a cada um. Todos conhecem esse gesto. Provavelmente viram Jesus fazendo assim em mais de uma ocasião. Sabem o que significa aquele rito de quem preside à mesa: ao receber este pedaço de pão, Jesus lhes faz chegar a bênção de Deus. Como lhes impressionava quando ele dava isso aos pecadores, cobradores de impostos e prostitutas! Ao receber aquele pão, todos se sentiam unidos entre si e com Deus. Mas naquela noite, Jesus acrescenta algumas palavras que lhe dão um conteúdo novo e estranho ao seu gesto. Enquanto lhes distribui o pão vai dizendo estas palavras: " Isto é o meu corpo. Eu sou esse pão. Vede-me nestes pedaços me entregando até o final, para vos fazer chegar a bênção do reino de Deus".

O que sentiram aqueles homens e mulheres quando ouviram pela primeira vez estas palavras de Jesus? Surpreendeu-lhes muito mais o que Jesus fez ao acabar o jantar. Todos conhecem o rito ao qual estavam acostumados. No final da refeição, quem presidia à mesa, permanecendo sentado, pegava na sua mão direita uma taça de vinho, a mantinha a um centímetro de altura sobre a mesa e pronunciava sobre ela uma oração de ação de graças pela comida, ao que todos responderam "Amém". Em seguida bebia de seu copo, o qual serviu de sinal aos outros para que cada um beber do seu.

No entanto, naquela noite Jesus muda o rito e convida os seus discípulos e discípulas para que todos bebam de um único cálice: o dele! Todos partilham esse "Cálice de salvação" abençoado por Jesus. Nesse cálice que se vai passando e é oferecido a todos, Jesus vê algo "novo" e peculiar, o que quer explicar: "este cálice é a nova aliança em meu sangue. Minha morte abrirá um novo futuro para vós e para todos". Jesus não pensa só em seus discípulos mais próximos. Neste momento decisivo e fundamental, o horizonte de seu olhar se faz universal: a nova aliança, o reino definitivo de Deus é para muitos, "para todos".

Com estes gestos proféticos da entrega do pão e do vinho, partilhados por todos, Jesus transforma aquele jantar de despedida em uma grande ação sacramental, a mais importante de sua vida, a que melhor resume o seu serviço ao reino de Deus, e quer deixá-la gravada para sempre em seus seguidores. Quer que continuem ligados a ele e que alimentem nele a sua esperança. Que se lembrem sempre, dedicados ao seu serviço. Continuará a ser "o que serve", o que ofereceu a sua vida e sua morte por eles, o servidor de todos. Assim está agora no meio deles neste jantar e assim quer que o lembrem-se sempre. O pão e o cálice de vinho lhes falará sobretudo da festa final do reino de Deus; a entrega desse pão a cada um e a participação na mesma bebida lhes trará à memória a entrega total de Jesus. "Por vocês": Estas palavras resumem bem o que foi a sua vida ao serviço dos pobres, dos doentes, dos pecadores, dos desprezados, dos oprimidos, de todos os necessitados... Estas palavras expressam o que a sua morte será agora: foi "tudo" por oferecer a todos, em nome de Deus, acolhimento, cura, esperança e perdão. Agora entrega a sua vida até a morte oferecendo a todos a salvação do Pai.

Assim foi a despedida de Jesus, que ficou gravada para sempre nas comunidades cristãs. Seus seguidores não são órfãos; a comunhão com ele não será quebrada por sua morte; se manterá até que um dia bebam todos juntos a taça de "vinho novo" no reino de Deus. Não sentirão o vazio da sua ausência: repetindo aquele jantar podem se alimentar de sua memória e sua presença. Ele estará com os seus alimentando sua esperança; eles prolongarão e reproduzirão seu serviço ao reino de Deus até o reencontro final. De maneira germinal, Jesus está projetando em sua despedida as linhas mestres de seu movimento de seguidores: uma comunidade alimentada por ele mesmo e dedicada totalmente a abrir caminhos para o reino de Deus, em uma atitude de serviço humilde e fraterno, com a esperança posta no reencontro da festa final.

Há também um novo sinal de Jesus, que convida os seus discípulos ao serviço fraterno. O Evangelho de João diz que, em um determinado momento do jantar, ele levantou-se da mesa e "começou a lavar os pés dos discípulos". Segundo o relato, o fez para dar exemplo a todos e que eles saibam que seus seguidores deveriam viver em atitude de serviço mútuo: "lavai-vos os vossos pés uns aos outros". A

cena é provavelmente uma criação do Evangelista, mas apanha de maneira admirável o pensamento de Jesus. O gesto é insólito.

Em uma sociedade onde está tão perfeitamente determinado o papel das pessoas e dos grupos, é impensável que o convidado de uma refeição festiva, e menos ainda o que preside à mesa, se ponha a realizar esta tarefa humilde reservada aos servos e escravos. Segundo o relato, Jesus deixa seu posto e, como um escravo, começa a lavar os pés aos discípulos. Dificilmente se pode traçar uma imagem mais expressiva do que tem sido a sua vida, e o que quer deixar gravado para sempre em seus seguidores. Como foi repetido muitas vezes: "quem quiser ser grande entre vós, será vosso servo; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será escravo de todos". Jesus o expressa agora plasticamente nesta cena: limpando os pés aos discípulos está agindo como servo e escravo de todos; dentro de algumas horas vai morrer crucificado, um castigo reservado sobre tudo aos escravos.

Sugestões de repertório para a Ceia do Senhor:

Refrão meditativo: Onde reina o amor (CD Cantos de Taizé)
Abertura: Quanto a nós devemos gloriar-nos na cruz (CD Tríduo Pascal I, faixa 01) *ou* Ninguém pode se orgulhar a não ser nisto (CD Tríduo Pascal I, fx. 2) *ou* Quem foi que aqui nos reuniu? (https://www.youtube.com/watch?v=xqM8b1vowaE)
Salmo responsorial: O cálice por nós abençoado (CD Tríduo Pascal I, faixa 04)
Aclamação: Eu vos dou um novo mandamento (CD Tríduo Pascal I, faixa 05)
Lava-pés: Jesus erguendo-se da Ceia (CD Tríduo Pascal I, faixa 06) *ou* Jesus ergueu-se da Ceia (CD Tríduo Pascal I, faixa 07)
Apresentação das Oferendas: Onde o amor e a caridade (CD Tríduo Pascal I, faixa 08)
Comunhão: Eu quis comer esta ceia agora (CD Tríduo Pascal I, faixa 9) *ou* Hoje é festa, diz o povo (CD Tríduo Pascal I, faixa 10) *ou* Quanto tempo eu desejei (https://www.youtube.com/watch?v=8gmSaX7c3QM)
Translado da reserva eucarística: Ele me amou (CD Palavras de Paulo, faixa 11) *ou* Amou-nos até o fim (CD Deus é bom, faixa 5)

Páscoa do Senhor - Sexta-feira da Paixão de Jesus – 19/04/2019

Páscoa da Cruz - 1º dia do tríduo

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Jo 18, 1-19, 42

3. Texto para aprofundamento da leitura:

SEXTA-FEIRA SANTA: QUANDO O MISTÉRIO DA CRUZ SE DESVELA

Pe. Adroaldo Palaoro, sj

Há um dado que nos afeta a todos nestes tempos pós-modernos: a incapacidade cultural de abordar os limites, perdas, fracassos, mortes... Vivemos uma cultura na qual a dor e a morte foram expulsas da experiência humana. É algo feio, de mau gosto, algo a ser eliminado da vida cotidiana.

Mas o confronto com a morte não precisa desembocar em um desespero que possa destituir a vida de todo sentido. Ao contrário, ela pode ser uma experiência que nos faz despertar, nos faz reingressar na vida de uma maneira mais rica e apaixonada. A negação da morte sempre cobra um preço – o encolhimento da nossa vida interior, o embaçamento da visão, o achatamento da racionalidade, a atrofia dos sonhos. Ao final, o autoengano toma conta de nós. A angústia sempre acompanhará nossa confrontação com a morte.

Na perspectiva de fé, nossa cultura prescinde do Getsêmani na nossa vida cotidiana; no entanto, este é o lugar de depuração radical, o lugar no qual devemos situar nossos fracassos e nossas solidões; é no Gólgota que devemos pôr nossas enfermidades e nossas mortes. Nossa cultura nos impede pôr a vida nesses lugares porque nega e não quer ver a fragilidade da condição humana, fonte de dor e sofrimento.

Em Getsêmani, quando todos o abandonaram e fugiram, o Compassivo permanece em radical solidão, ninguém se interessa mais por Ele; esta solidão vital lhe provoca uma angústia de morte, o sacode e o aflige, levando-o à prostração. No Gólgota, Jesus experimenta, junto ao abandono, o fracasso, tudo se dilui, o mundo lhe cai em cima.

Adentrar-nos em nosso próprio Getsêmani e Gólgota é abordar nossa radical solidão. Mesmo que produza vertigem e nos enche de angústia, é preciso olhar o túnel de frente e entrar nele. Então, invocamos Àquele que nos pode sustentar e saímos do túnel com uma solidão habitada, com o sentimento de uma presença, com a vida enraizada no único que é fonte de vida e liberdade. Começamos a ver tudo com olhos novos, o sofrimento e a angústia transformam-se em Vida.

O teólogo e mártir Bonheoeffer afirma: "Em Jesus crucificado se rompem todas as ideias sobre Deus que as pessoas construíram através da história. Nele aparece a debilidade e o sofrimento de Deus. Só um Deus que sofre pode ajudar-nos". É a partir da Cruz onde Deus nos diz que o mais divino que há em nós é a luta solidária por fazer um mundo mais justo e mais humano. Nossa missão será a de fazer descer da Cruz os crucificados da história, e unir-nos, indignados, aos milhões de pessoas que se manifestam a favor de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Contemplar a paixão e morte de Jesus em toda sua crueza, nos leva a mergulhar na condição humana, a descobrir dimensões de nossa própria humanidade que, nesta cultura mentirosa, são mutiladas e reprimidas de tal maneira que nos tornam incapazes de ser portadores de Boa Notícia.

Junto à Cruz somos levados a crer que aliviar o sofrimento neste mundo não é uma questão puramente analgésica, quando, na realidade, o que se trata é da implicação compassiva nesse território tão humano e tão divino no qual nossas razões, doutrinas e morais fracassam: a "loucura" de um Deus Comunidade implicado no sofrimento de suas criaturas.

A crucifixão não foi um ato isolado, mas o cume de uma vida comprometida. Não agrada ao Pai a Cruz pelo que tem de sofrimento, mas porque supõe uma vida que se entrega até esse extremo. A Cruz não é um adorno, nem um objeto de culto, nem um amuleto. É um sinal; e, como todo sinal, indica algo: nos indica até onde pode chegar a brutalidade humana, quando os interesses, as ideias políticas ou religiosas, as leis... são colocados acima do ser humano. E indica algo mais: até onde chega o amor e a

generosidade de Jesus, que não duvidou em sua entrega; até onde chega o amor do Pai que em Jesus se fez visível.

Por isso, aquele que pensa que, diante da Cruz, temos de oferecer atos dolorosos a Deus não sabe "ler" a Cruz. Aquele que pensa que carregar a cruz de cada dia é aguentar a injustiça, não sabe "ler" a cruz. Aquele que converte a Cruz em uma condecoração para premiar um ato de violência ou uma joia que pode ser presenteada à pessoa amada, não sabe "ler" a cruz. Aquele que coloca a Cruz nas paredes das repartições públicas (delegacias, hospitais, tribunais, assembleias legislativas, câmara e senado federal), onde as sentenças são barganhadas e compradas, onde a corrupção é a moeda mais forte, onde os pobres morrem sem atendimento... não sabe "ler" a Cruz.

Sabemos "ler" este sinal, quando escutamos Jesus que nos diz: "Ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida por seus amigos". Não podemos tirar nenhum espinho da coroa de Jesus, nem diminuir as chicotadas nas suas costas, nem a humilhação e a dor de sua tortura. O que podemos hoje fazer é tomar posição solidária ao lado dos excluídos, humilhados e desgraçados de nosso mundo, como Ele fez; nossa primeira responsabilidade é aliviar o sofrimento do outro, lutar contra o sofrimento provocado pela injustiça sobre os mais pobres e excluídos.

O mistério da Cruz nos des-vela (tira o véu) e re-vela que toda entrega generosa, que a prepotência esmaga com a morte, não acaba em morte, mas em vida, e em vida que não termina. Podemos, então, fazer dois tipos de Via Sacra: uma, fixando-nos em Jesus, porque assim nos aproximamos da fonte do Evangelho; outra, fixando-nos nas brutalidades, violências, sofrimentos de nosso povo para ativar em nós uma generosidade ainda tímida. E, então, é quando começaremos a compreender o Evangelho.

Com os olhos fixos no Crucificado vamos aceitando com maior cordialidade e gratuidade que somos "faíscas da criação", que nos cabe redimir a parcela da criação que nos foi encomendada e que a compaixão solidária é tecida com muita humildade, sem prepotência; ao mesmo tempo vamos descobrindo que a vida começa a emergir ali onde o mundo só vê fracasso e morte, e que orar a partir de nossas fragilidades nos põe no caminho para experimentar o dom da Páscoa.

Na oração: No silêncio, convém permanecer um bom tempo olhando "Aquele que traspassaram". Para muitos olhos é só a imagem de um entre tantos "terroristas" que cruzavam as ruas de Jerusa-lém a caminho do Gólgota. Você pode se perguntar como é que, de todos aqueles, só a imagem e o nome deste Compassivo atravessaram a espessura dos tempos, chegaram até nós e hoje nos congrega em seu entorno. E, dando um passo a mais, pergunte: creio de verdade n'Aquele crucificado que gritava: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

Sugestões de repertório para a Paixão e Morte de Jesus:

Salmo Responsorial: Eu me entrego, Senhor, em tuas mãos (Salmo 31 – Ofício Divino das Comunidades). Link: https://www.youtube.com/watch?v=bLJ57XsMabA

Aclamação: Salve, ó Cristo Obediente (CD Tríduo Pascal I, faixa 12)

Adoração da Cruz: Fiel madeiro da Santa Cruz (CD Tríduo Pascal I, faixa 17) *ou* Vitória, tu reinarás (CD Festas Litúrigcas IV, faixa 10)

Comunhão: Prova de amor (CD Tríduo Pascal I, faixa 18)

Páscoa do Senhor - Sábado Santo - 20/04/2019

Sábado da Sepultura – 2º dia do tríduo

1. Pelas adversidades da história, o sábado santo, dia que a igreja medita a sepultura do Senhor, ficou suprimido e acabou desaparecendo do contexto do tríduo pascal, em nossas comunidades. Com o conjunto da reforma litúrgica do Vaticano II (1962-1965), a igreja nos devolve a unidade do tríduo pascal, no qual está inserido a sepultura do Senhor, certificação de sua morte, pertencente à forma mais antiga da fé: 'Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras' (1Cor 15,3-4). Para este dia que "a Igreja permanece junto do sepulcro do Senhor, meditando a sua paixão e morte, a sua descida aos infernos, e esperando na oração e no jejum a sua ressurreição" (PCFP, 73) é recomendada a celebração do ofício. Como as discípulas somos convidados a viver este dia no silêncio e na espera. Diante da sepultura de Jesus, compreendemos que o absurdo pode ser transformado em graça, o inaceitável, em caminho de salvação. Oferecemos aqui um pequeno rito inspirado no Ofício Divino das Comunidades no intuito de viver e celebrar este dia:

OFICIO DO SÁBADO SANTO

1. CHEGADA - *Sentados ou de joelhos, silêncio, oração pessoal...*

2. ABERTURA - *Sentados ou de joelhos*

Em silêncio abandona-te ao Senhor. (bis)
- Põe tua esperança no Senhor, espera nele, e ele agirá.

3. RECORDAÇÃO DA SEPULTURA

Maria Madalena e a outra Maria estavam sentadas em frente ao sepulcro olhando o lugar em que o corpo do Senhor tinha sido depositado (Lucas 23,55).

4. SALMO 16(15)

O Messias não foi abandonado no túmulo, e seu corpo não chegou à corrupção (Atos 2,31).

1. Protege-me, ó Deus, tu és meu abrigo.
"Só tu és meu bem", eu digo ao Senhor.
Rejeito esses deuses que o mundo promove;
aos grandes não sirvo, nem presto favor.

2. Aqui, nesta terra, és, Deus, minha herança,
em ti meu destino, porção garantida:
tiraram a sorte pra ver minha parte,
tu és a mais bela herança da vida.

3. Bendito o Senhor que é meu conselheiro,
à noite me alerta o meu coração.
Pra sempre o Senhor perante os meus olhos,
com ele meus passos não vacilarão.

4. O meu coração se alegra contente,
até minha carne repousa segura.
No mundo dos mortos tu não me abandonas,
nem deixas teu servo preso à sepultura.

5. Tu me ensinarás da vida o caminho,
em tua presença há muita alegria.
O Deus do universo, qual Mãe se mostrou,
cantemos louvores de noite e de dia.

Medite no coração as palavras do salmo, repita a que lhe tocou...

Oração

Deus de bondade, teu Filho unigênito desceu à mansão dos mortos e de lá ressurgiu vitorioso. Concede aos teus fiéis, sepultados com ele no batismo, que, pela força de sua ressurreição, participem com ele da vida eterna. Por Cristo, nosso Senhor. **Amém!**
Retirar-se em silêncio...

2. Oração Pessoal

No **sábado santo,** reservar um tempo pessoal em algum momento do dia, para a oração silenciosa e para a leitura espiritual. Sugerimos os seguintes textos: Os relatos evangélicos referentes aos sepultamento de Jesus: João 19,38-42 e Lucas 23,50-56 [ver também Mateus 27,56-61 e ; Marcos 15,42-47].

Para completar a leitura:

a) O Sábado Santo é aquele intervalo único e irrepetível na história da humanidade e do universo em que Deus, em Jesus Cristo, compartilhou não só nosso morrer, mas também nosso permanecer na morte. A solidariedade mais radical. Todos temos sentido alguma vez uma sensação espantosa de abandono. Isto é o que mais tememos da morte. Como os meninos, nos dá medo ficarmos sozinhos na escuridão. Só a presença de uma pessoa que nos ama nos dá segurança. Pois bem, isto é o que ocorreu no Sábado Santo: no reino da morte ressoou a voz de Deus. Aconteceu o inimaginável: que o Amor penetrou "nos infernos": na obscuridade extrema da solidão humana mais absoluta. Também nós podemos escutar a voz que nos chama e a mão que nos toma e nos tira para fora. O ser humano vive porque é amado e pode amar. E se no espaço da morte penetrou o amor, então chegou ali a vida. Na hora da extrema solidão, nunca estaremos sozinhos. [Bento XVI [2/5/2010].

b) O 'grande e santo Sabbat' é o dia que liga a Sexta-Feira santa, à comemoração da Cruz, ao dia da Ressurreição. Para muitos, a verdadeira natureza e o sentido desta ligação, a necessidade real deste dia intermediário, permanece obscura. Para a grande maioria daqueles que vão à igreja, os dias "importantes" da grande semana são a Sexta-feira e o Domingo, a Cruz e a Ressurreição. Estes dois dias, entretanto, ficam de alguma forma distintos. Há um dia de tristeza e depois um dia de alegria. Nesta sucessão, a tristeza é simplesmente substituída pela alegria. Mas segundo o ensinamento da Igreja, expresso na sua tradição litúrgica, a natureza desta sucessão não é uma simples substituição. A Igreja proclama que o Cristo "venceu a morte pela morte"; isto quer dizer que, antes mesmo da ressurreição, coloca-se um acontecimento no qual a tristeza não é simplesmente substituída pela alegria, mas ela própria é transformada em alegria. O grande Sábado é precisamente este dia de transformação, o dia em que a vitória germina de dentro mesmo da derrota, uma vez que antes da ressurreição nos é dado contemplar a morte da própria morte. . . E tudo isso é expresso - mais ainda, tudo isso é realmente atualizado - a cada ano, neste maravilhoso ofício matinal, na comemoração litúrgica que se torna para nós um "presente" salvador e transformador. [Alexandre Schmémann, Olivier Clément, padre da Igreja Oriental].

Sugestões de repertório para o Sábado Santo:

Abertura: Em silêncio (CD's do Ofício Divino das Comunidades)

Salmo 16 (15) - link: https://www.youtube.com/watch?v=MEGYB1sQBP8

Páscoa do Senhor - Domingo da Ressurreição

A Grande Vigília na Noite da Páscoa - 3º dia do tríduo

Domingo da Páscoa na Ressurreição é "máxima solenidade do ano litúrgico" (PSL, 148), celebrado em três momentos: a Vigília Pascal; a Missa do dia e "as Vésperas batismais (PS 98).

1. Silêncio... Refrão: De noite iremos de noite, iremos buscar a fonte,
só nossa sede nos guia, só nossa sede nos guia.

2. Evangelho - Lucas 24, 1-12.

3. Para ampliar a leitura:

a)Como participar da Vigília Pascal - Ione Buyst

1. Luzes

Noite, escuridão, trevas. Quantas vezes, este ano, passei momentos de escuridão, momentos de angústia, momentos de desânimo, momentos de não compreender o sentido da vida, o sentido do meu trabalho, da convivência... Quantos acontecimentos nos deixaram perplexos: inundações; tsunamis; terremotos; assassinato de indígenas e lavradores para ficar com suas terras; acidentes de trânsito; violência; desentendimentos na família, entre amigos, no trabalho... Quantas pessoas em dificuldade... Quanta desigualdade... Quanta indiferença com a miséria das outras pessoas...

Mas nesta noite, no meio da escuridão, acenderemos uma luz, a luz do círio pascal e pediremos: A luz de Cristo que ressuscita resplandecente dissipe as trevas de nosso coração e de nossa mente! Caminharemos seguindo esta luz, acenderemos nossas velas neste círio e cantaremos: Luz de Cristo! Graças a Deus! E a esperança irá crescendo em nosso coração enquanto entraremos em procissão no local da celebração, e enquanto ouviremos o 'Exulte de alegria...' e juntaremos nossas vozes no canto do refrão 'Bendito seja o Cristo Senhor, que é do Pai imortal esplendor!' E sonharemos com um mundo renovado, iluminado.

2. Contando uma longa história: um povo a caminho

Não estamos sós. Fazemos parte de um povo a caminho e que vem de muito longe, do princípio do mundo, quando Deus criou o céu e a terra e todos os seres que a povoam, inclusive nós, os seres humanos, de todos os povos e culturas. Escutamos reverentes o relato bíblico da criação, do livro Gênesis. E reconhecemos agradecidos: Quando tu, Senhor, teu Espírito envias, todo mundo renasce, é grande alegria! E entendemos que na ressurreição de Cristo, o mundo foi recriado na esperança.

Somos um povo abraâmico, que vive pela fé em meio às tendas no deserto, sempre pronto para retomar o caminho, procurando novas chances de viver. Fomos parar no Egito; conhecemos a acolhida de um povo estranho e, depois, a dura escravidão. E ouvimos o chamado de 'Eu Sou' que falou com Moisés na sarça ardente e mandou seu povo eleito caminhar, deserto adentro, em busca de libertação. Ele abriu o Mar Vermelho que ameaçava nos engolir quando fugíamos das tropas do exército opressor. E fomos salvos, passando no meio do mar, a pé enxuto, como conta o livro do Êxodo. E entendemos que Jesus, em sua morte de cruz, passou pelas águas da angústia e do sentimento de abandono por parte de Deus, mas foi salvo pelo Pai e nos leva consigo, em sua ressurreição. E na carta aos romanos Paulo insiste em dizer que nas águas do batismo seguimos o mesmo caminho: somos sepultados com Cristo em sua morte, para ressuscitar com ele para uma vida nova. Mas, antes, as palavras dos profetas nos animam com a promessa da nova aliança, do casamento com o Esposo, do banquete oferecido gratuitamente, com a volta à fonte da sabedoria, com a promessa da purificação pelas águas e a doação de um novo coração e um espírito novo que nos torna capazes de seguir o Senhor.

E quando explode o solene Aleluia e nos é proclamado o evangelho da ressurreição de Jesus, na madrugada do primeiro dia da semana, sabemos que o Cristo nos precede nas 'galiléias' da vida e que lá o encontraremos, no meio dos irmãos e irmãs, unindo os corações, cuidando das feridas, saciando fomes e sedes, lutando por igualdade social, ensinando o caminho da vida, cantando salmos, realizando o lava-pés, partilhando pão e vinho...

3. Travessia: passando pelas águas

Reunidos ao redor da fonte batismal, acolhemos novos irmãos e irmãs na fé que, devidamente preparados num caminho catecumenal, irão passar pelas águas do batismo, serão confirmados com o santo crisma e participarão pela primeira vez conosco da ceia do Senhor. Desta forma, serão 'in-corporados' no povo de Deus, na comunidade dos discípulos e discípulas de Cristo. Este fato me afeta pessoalmente, profundamente: somos membros uns dos outros, como partes de um mesmo corpo. Estamos unidos pelo mesmo Espírito do Cristo, para nos amar como ele nos amou. Somos enviados juntos em missão para renovar a vida em sociedade.

Com uma ladainha, invocamos a presença e a ajuda dos santos e santas que nos precederam no caminho de Jesus, e pedimos insistentemente ao Senhor que nos livre do mal e nos liberte pela morte e ressurreição de Jesus e, pela força do Espírito, dê vida nova às pessoas que serão batizadas.

Vejo a água da fonte batismal. Ouço, atentamente e agradecida, as palavras da bênção, evocando o sentido desta fonte: recordando as águas da criação, as águas do dilúvio, as águas do Mar Vermelho, a água do Jordão no batismo de Jesus e a água que saiu do lado dele quando estava morrendo na cruz, e as palavras do Ressuscitado enviando os apóstolos para fazer discípulos e batizar todos os povos...

Junto-me interiormente aos gestos e às palavras do presbítero: mergulha o círio pascal na água e, em nosso nome, pede insistentemente ao Pai que, por seu Filho Jesus, desça sobre esta água a força do Espírito Santo e ressuscite as pessoas que aceitam e arriscam fazer a travessia, deixando-se batizar para iniciar uma vida nova, pautada no evangelho de Jesus. Mas, antes de entrar nas águas do batismo, é preciso renunciar à maneira antiga de viver e, em seguida, proclamar a fé em Deus, Pai e Filho e Espírito Santo. Saindo das águas, começa uma vida nova, na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo.

Também nós que fomos batizados há muitos anos, renovamos nesta noite santa nossa renúncia e nossa profissão de fé e somos aspergidos novamente com a água batismal, sinal de nossa participação na morte e ressurreição de Jesus. Banhados em Cristo, somos uma nova criatura; as coisas antigas já se passaram: somos nascidos de novo. Aleluia, aleluia, aleluia! E a alegria toma conta de nossos corpos e corações. Então, só nos resta pedir intensamente, encarecidamente, por nós, pela Igreja e pelo mundo inteiro, unindo-nos à prece de Jesus que sempre intercede por todos nós junto do Pai. E, pela primeira vez, os novos batizados participam desta prece, como membros do povo sacerdotal. Venha o vosso reino, Senhor! Reino de paz e de justiça, reino de vida e verdade para o mundo inteiro. Venha renovar nossas vidas, nossas sociedades, nossas culturas...

4. Ao redor da mesa do Pão e do Vinho: formamos um só Corpo, em Cristo

Pão e vinho são partilhados como Ele fez naquela ceia derradeira, entre ação de graças e súplica, deixando claro o sentido de sua entrega, de seu martírio, de sua morte decidida judicialmente: fidelidade ao projeto do Pai, solidariedade total com os irmãos e irmãs. Vida entregue, por amor. Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão. Doação fecunda que deve se prolongar na vida de cada pessoa que participa desta ceia: Tomem, comam e bebam...; tornem-se um só comigo – eu em vocês e vocês em mim – para continuarmos, juntos, sendo um só Corpo e um só Espírito, o trabalho por um mundo melhor, a serviço do Reino que há de vir... Não tenham medo! Eu estarei com vocês. Aleluia! E, pela primeira vez, os novos batizados participam da procissão das oferendas, da ação de graças e oferta do sacrifício, da oração do pai nosso e da comunhão eucarística no Pão e no Vinho. Com a bênção de Deus aceitamos, juntos, o desafio da missão, em nome de Jesus. É páscoa: passagem, transformação, travessia.

b) Vigília Pascal - Helena Ghiggi, pddm e Neusa Bresiani, pddm

1. Compreendendo os textos:

Maria de Mágdala e outras discípulas haviam seguido Jesus desde a Galileia, na *madrugada do primeiro dia da semana*, foram ungir Jesus com aromas e descobriram que o sepulcro estava vazio. O poder das trevas foi transformado pela luz da vitória de Jesus sobre a morte. "Senhor" (24,3) é título do Ressuscitado, utilizado pelos cristãos para anunciar sua presença na Igreja e no mundo. *O Vivente não está aqui, mas foi ressuscitado!* O Filho de Deus ressuscitou como anunciavam as Escrituras e como ele mesmo havia proclamado (9,22;18,32-33). Justo, fiel, sofredor, inocente, Jesus trilhou o caminho da Galileia para Jerusalém, e sua Páscoa ilumina seus seguidores a espalhar sua mensagem de paz e esperança até os confins da terra (At 1,8). As discípulas fiéis lembram as palavras de Jesus e tornam-se as primeiras a proclamar a Boa Notícia da ressurreição. Os discípulos não acreditam no anúncio pascal das mulheres; necessitam fazer a experiência do encontro com o Ressuscitado que lhes abrirá os olhos da fé. A Páscoa de Jesus realiza a nova criação. A obediência de Abraão e o sacrifício de Isaac prefiguram Jesus, que carrega a própria cruz (Jo 19,17) e doa a vida pela redenção. O êxodo e a passagem no mar remetem

à libertação plena em Cristo mediante a passagem da morte para a vida. As profecias de Isaías consolam os exilados com a certeza da misericórdia eterna do Senhor e a esperança no banquete messiânico. Baruc convida à conversão e Ezequiel anuncia um coração novo e um espírito novo. A leitura aos Romanos sublinha que, pelo batismo, o cristão participa na morte e ressurreição de Jesus para renascer com ele para a vida nova.

2. A palavra na vida

Alegremo-nos, porque o Senhor, o Vivente, vem ao nosso encontro e nos enche de alegria.

3. A palavra na celebração

Nesta noite memorável, acendendo a chama do círio no meio da escuridão, ouvindo a narrativas das intervenções de Deus na história, atravessando as águas da nossa renovação batismal, e participando da Ceia como o Senhor, renove-se em nós, pela força do Ressuscitado, a vida nova que recebemos no batismo.

Sugestão de repetório para a Vigília Pascal:

Chegada... Cantos de esperança: Quando o dia da paz renascer - Zé Vicente, Luar do Sertão - Luiz Gonzaga etc (do lado de fora da igreja ou capela)

Refrão Meditativo: De noite - link: https://www.youtube.com/watch?v=yekJwdxx7PQ ou Sentinela (CD's do Ofício Divino das Comunidades)

Acendimento do círio: A luz de Cristo (CD Cristo, clarão do Pai, faixa 09)

Aclamação da assembleia - procissão com o Círio Pascal: CD Tríduo Pascal II, faixas 01 ou 03

Proclamação da Páscoa - Exulte: CD Tríduo Pascal II, faixas 02 ou 04

Salmos Responsoriais: CD Tríduo Pascal II, CD Salmos do Padre José Weber e CD Salmos da Ir. Mírian T. Kolling (todos cd's estão disponíveis para venda na Paulus)

Ladainha: (CD Tríduo Pascal II, faixa 09)

Benção da água: (CD Tríduo Pascal II, faixa 10)

Aspersão e o Banho Bastimal: Banhados em Cristo (CD Tríduo Pascal II, faixa 11)

Preparação da mesa: Bendito sejas, ó Rei da Glória (CD Tríduo Pascal II, faixa 13)

Comunhão: Mal começa o Domingo (CD Tríduo Pascal II, faixa 14)

Páscoa do Senhor - Domingo da Ressurreição – 21/04/2019

Domingo do túmulo vazio

1. Silêncio... Refrão: Ó luz do Senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós...

2. Evangelho - João 20, 1-18

3. Para ampliar a leitura:

RESSURREIÇÃO: O AMANHECER DE UMA NOVA HUMANIDADE

"Faz escuro, mas eu canto" (Thiago de Mello)

Pe. Adroaldo Palaoro, sj

Ainda não é dia, mas amanhece um novo tempo; ressoam como ditas para nós as palavras do profeta Isaías: "Algo novo está nascendo; não o vês?" (43,19). É tempo de esperança e de saída de nossos esconderijos. Páscoa é movimento: é ainda de madrugada, mas podemos sentir o movimento das pessoas no evangelho de hoje: Maria Madalena corre, Pedro também, João se adianta... até a pedra do sepulcro se move. Não é pressa, nem ansiedade, tão próprios de nosso tempo. É outra coisa, algo que impulsiona a partir de dentro. É vida que quer tocar tudo e oferecer uma mudança, uma possibilidade nova; é vida que se abre para a luz, como no início da Criação. É a vida do Vivente que abre caminho.

"A pedra da entrada do túmulo é removida" e amanhece uma nova consciência planetária, uma nova espiritualidade, uma nova maneira de viver o mistério de Deus, uma concepção novidosa do ser humano, uma nova mentalidade, uma nova maneira de ser Igreja...

Amanhece um novo mundo, heterogêneo, descentralizado; um novo humanismo, um novo movimento cultural. Brota um novo despertar a partir de uma maior lucidez e consciência dos problemas mundiais e uma escuta afinada diante do clamor unânime de que outro mundo é possível.

Amanhece também uma fome de espiritualidade, entendida como fome de profundidade, interioridade, silêncio, experiência de unidade. Se é autêntica, essa experiência desperta a compaixão e a coragem na busca da justiça e no compromisso contra toda exclusão social, econômica, racial, sexual, religiosa...

Jesus de Nazaré ofereceu a seus contemporâneos uma novidade radical que poucos foram capazes de acolher. Seremos nós capazes de viver hoje essa radical novidade e transmiti-la ao nosso mundo? A Páscoa desata ricas possibilidades no interior de cada um e no coração da realidade na qual estamos inseridos. Ela aponta para o novo humanismo que amanhece e que não será mais de submissão, nem de bloqueio de mudança, nem exclusões, mas de impulso à criação, à inovação, à criatividade... Este novo humanismo exige o cultivo de uma nova disposição: flexível, capaz de acolher a novidade contínua e, ao mesmo tempo, lúcida para discernir e viver integradamente o amor a si mesmo, ao outro, à criação e a Deus.

Estamos todos fartos de palavras que nos soam vazias, repetitivas, estereotipadas..., que nos deixam frio o coração e indiferente nossa cabeça. Nosso tempo requer, não pregadores que convidam a crer, mas pessoas que impulsionam a encontrar-se com o Mistério da Vida. Precisamos de mistagogos e testemunhas. Mistagogos: homens e mulheres que, porque fizeram o caminho, podem convidar, orientar e ajudar a outras pessoas a buscar por si mesmas, a introduzir-se no umbral desse mistério amoroso que chamamos Deus: o mistério no qual vivemos, respiramos, somos. Testemunhas: homens e mulheres que, através de suas vidas façam visível o Deus de Jesus:

- testemunhas da paixão de Deus pelo perdido, pelo pequeno, pobre e simples, pelo abaixo da história;
- testemunhas do Deus-relação sem exclusivismos nem dominações;
- testemunhas da entranhável misericórdia de nosso Deus;
- testemunhas do Deus da vida, de seu Ser-cuidado para com sua criação;
- testemunhas de sua presença discreta no coração da realidade;
- testemunhas do Deus festivo, boa notícia.

Como? Deixando-nos empapar pela Ressurreição de Cristo e permitindo o nosso corpo ser um corpo de ressuscitados. A Ressurreição "entra pelos sentidos". Então:

- nossos olhos não só ficarão fascinados por perceber Sua presença, senão que, como os Seus olhos, olharão a dor do povo, se converterão em lugar de encontro. Serão olhos que ao olhar reconhecem e devolvem dignidade, perdoam, animam, levantam, amam;
- nossos ouvidos se farão sensíveis para descobrir a presença do Mistério na cotidianidade da vida; saberão distinguir, apesar dos ruídos, os gritos de dor e os cantos de alegria do povo; saberão escutar respeitosos e atentos;
- nossa boca saberá falar e calar como linguagem de amor; denunciará com valentia; cantará a boa notícia; compartilhará com satisfação o que dá sentido à própria vida, e se fechará à maledicência; aprenderá a degustar, na vida cotidiana, os sabores do reino e oferecerá aos outros essa sabedoria;
- nossas mãos serão capazes de colaborar no nascimento da vida nova que ilumina todos os rincões do mundo. Serão mãos que compartilham, acariciam, levantam, curam, ajudam a demolir os muros da separação e da exclusão;
- nossos pés se converterão em samaritanos e peregrinos, companheiros de viagem que não trilham os caminhos da violência mas abrem caminhos de paz. Serão pés dançantes, festivos, que sabem desfrutar da vida simples, do prazer compartilhado;
- nosso coração será cada dia mais amoroso, grande, sem mesquinhez, sem ressentimentos, casa aberta, misericordioso, compassivo, será um coração de carne, não de pedra;
- nossas entranhas saberão estremecer-se de dor e de prazer, não permanecerão indiferentes, serão entranhas sempre fecundas, geradoras de vida nova para as gerações futuras;
- nossa pele será lugar de toques curadores, lugar para o encontro, nunca para a "alergia" dos outros.

Quando tudo isto for verdade em nossos corpos, nos acontecerá o mesmo que aconteceu com Jesus; que aqueles que vivem ao nosso lado dirão: "o que vimos com nossos olhos, o que ouvimos com nossos ouvidos e tocamos com nossas mãos é que o Deus dos cristãos é amor e vale a pena crer n'Ele" (cf. 1Jo. 1,1). No meio da noite, apesar da tormenta, seremos como estrelas que iluminam, âncoras centradas em Jesus e em seu Reino, barcas com velas soltas ao vento do Ruah, vínculos que unem, pontes que se fazem lugar de encontro, testemunhas visíveis do Deus Invisível. Presença de Ressurreição.

É a aurora do novo dia que varre os espaços interiores para deixá-los limpos e novos diante da nova realidade que surge no horizonte. É Novo Tempo, Nova Criação. Bênção da aurora que é sempre nova, sempre cheia de luz e de vida, sempre inédita, sempre diferente. Cada aurora é uma "entrada" em um novo dia, e para "entrar" no dia que se inicia é preciso "sair" do dia que passou. Quando tudo "ocorre pela primeira vez" é quando "tudo é eterno".

Na oração: Desfazer obscuridades e tecer liberdade, nutrir a vida de compaixão e amizade; celebrá-la e oferecê-la de verdade, orar... Não é esse o movimento de Ressurreição? Não é isto que o evangelista João quer destacar quando escreve que Madalena "saiu correndo", que Pedro e João "corriam juntos"? O que está travado em mim que impede o movimento em direção à Vida?

Sugestões de repertório para o Domingo da Páscoa do Senhor:

Refrão meditativo: Ressuscitou de verdade, aleluia! (Cantos de Taizé). Link: https://www.youtube.com/watch?v=p8BZTN-QrBc

Abertura: Este é o dia do Senhor! Dia de festa e alegria! (CD Liturgia XV, faixa 01)

Salmo responsorial: Eis o dia que o Senhor fez para nós (CD Liturgia XV, faixa 02)

Sequência: Cantai, cristãos, afinal! (CD Liturgia X, faixa 04) ou Ó cristãos, vinde ofertai (CD Liturgia X, faixa 05)

Aclamação: Aleluia! Nossa Páscoa é Jesus Cristo! (CD Liturgia XV, faixa 03)

Apresentação das Oferendas: Senhor, vencestes a morte! (CD Liturgia XV, faixa 04)

Comunhão: Ó morte, onde está tua vitória (CD Liturgia XV, faixa 05)

2º Domingo da Páscoa do Senhor – 28/04/2019

Domingo de são Tomé

1. Silêncio... Refrão: Ó luz do Senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós...

2. Evangelho - João 20, 19-31

3. Para ampliar a leitura:

COMO O PAI ME ENVIOU, EU ENVIO VOCÊS!

Mesters, Lopes e Orofino

No texto de hoje, vamos meditar sobre a aparição de Jesus aos discípulos e a missão que eles receberam. Eles estavam reunidos com as portas fechadas porque tinham medo dos judeus. De repente, Jesus se coloca no meio deles e diz: "A paz esteja com vocês!" Depois de mostrar as mãos e o lado, ele diz novamente: "A paz esteja com vocês! Como o pai me enviou, eu envio vocês!" Em seguida, lhes dá o Espírito para que possam perdoar e reconciliar. A paz! Reconciliar e construir a paz! Esta é a missão que recebem.

Hoje, o que mais falta é a paz: refazer os pedaços da vida, reconstruir as relações quebradas entre as pessoas. Relações quebradas por causa da injustiça e por tantos outros motivos. Jesus insiste na paz. Repete várias vezes! As pessoas que lutam pela paz são declaradas felizes e são chamadas filhos e filhas de Deus (Mt 5,9)! Vamos conversar mais sobre isso…

SITUANDO

Na conclusão do capítulo 20 (Jo 20,30-31), o autor diz que Jesus fez "muitos outros sinais que não estão neste livro. Estes, porém, foram escritos (a saber os sete sinais relatados nos capítulos 2 a 11) para que possam crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e, acreditando, ter a vida no nome dele" (Jo 20,31). Mais tarde, foi acrescentado o Livro da Glorificação que descreve a hora de Jesus, a sua morte e ressurreição. Assim, o que era o final do Livro dos Sinais passou a ser conclusão também do Livro da Glorificação.

COMENTANDO

- João 20,19-20: A experiência da ressurreição

Jesus se faz presente na comunidade. As portas fechadas não podem impedir que ele esteja no meio dos que nele acreditam. Até hoje é assim! Quando estamos reunidos, mesmo com todas as portas fechadas, Jesus está no meio de nós. E até hoje, a primeira palavra de Jesus é e sempre será: "A paz esteja com vocês!" Ele mostrou os sinais da paixão nas mãos e no lado. O ressuscitado é o crucificado! O Jesus que está conosco da comunidade não é um Jesus glorioso que não tem mais nada em comum com a vida da gente. Mas é o mesmo Jesus que viveu nesta terra, e traz as marcas da sua paixão. As marcas da paixão estão hoje no sofrimento do povo, na fome, nas marcas de tortura, de injustiça. É nas pessoas que reagem, lutam pela vida e não se deixam abater que Jesus ressuscita e se faz presente no meio de nós.

- João 20,21: O envio: "Como o Pai me enviou, eu envio vocês!"

É deste Jesus, ao mesmo tempo crucificado e ressuscitado, que recebemos a missão, a mesma que ele recebeu do Pai. E ele repete: "A paz esteja com vocês!" Esta dupla repetição acentua a importância da paz. Construir a paz faz parte da missão. Paz significa muito mais do que só ausência de guerra. Significa construir uma convivência humana harmoniosa, em que as pessoas possam ser elas mesmas, tendo todas o necessário para viver, convivendo felizes e em paz. Esta foi a missão de Jesus, e é também a nossa missão. Numa palavra, é criar comunidade a exemplo da comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

- João 20,22: Jesus comunica o dom do Espírito

Jesus soprou e disse: "Recebei o Espírito Santo". É só com a ajuda do Espírito de Jesus que seremos capazes de realizar a missão que ele nos dá. Para as comunidades do Discípulo Amado, Pásscoa (ressurreição) e Pentecostes (efusão do Espírito) são a mesma coisa. Tudo acontece no mesmo momento.

ALARGANDO

- A ação do Espírito no Evangelho de João

A língua hebraica usa a mesma palavra para dizer vento e espírito. Como dissemos, o vento tem, dentro de si, um rumo, uma direção: vento norte, vento sul. Assim, o Espírito de Deus tem um rumo, um projeto, que se manifesta na criação. No Evangelho de João a gente vê como as profecias se realizam em Jesus. João usa muitas imagems e símbolos para significar a ação do Espírito. Como na criação, assim o Espírito desceu sobre Jesus "como uma pomba, vindo céu". É o começo da nova criação! Jesus fala as palavras de Deus e nos comunica o Espírito sem medida. Suas palavras são Espírito e vida. Quando Jesus se despediu, ele disse que ia enviar um outro consolador, um outro defensor, para ficar conosco. É o Espírito Santo. Através de sua paixão, morte e ressurreição, Jesus conquistou o dom do Espírito para nós.

Através do batismo todos nós recebemos este mesmo Espírito de Jesus. Quando apareceus aos apóstolos, soprou sobre eles dizendo: "Recebei o Espírito Santo!" O Espírito é como água que jorra de dentro das pessoas que crêem em Jesus. O primeiro efeito da ação do Espírito em nós é a reconciliação: "Aqueles a quem vocês perdoarem os pecados serão perdoados; aqueles aos quais retiverem, serão retidos". O Espírito nos é dado para que possamos lembrar e entender o significado pleno das palavras de Jesus. Animados pelo Espírito de Jesus, podemos adorar a Deus em qualquer lugar. Aqui se realiza a liberdade do Espírito.

- Shalôm: a construção da paz

O primeiro encontro entre Jesus ressuscitado e seus discípulos é marcado pela saudação feita por ele: "A paz esteja com vocês!" Por duas vezes Jesus deseja a paz a seus amigos. Esta saudação é muito comum entre os judeus na Bíblia. Ela aparece quando surge um mensageiro de Deus. Logo em seguida, Jesus os envia em missão, soprando sobre eles o Espírito. Paz, Missão e Espírito! Os três estão juntos. Afinal, construir a paz é a missão dos discípulos e das discípulas de Jesus (Mt 10,13; Lc 10,5). O Reino de Deus, pregado e realizado por Jesus e continuado pelas comunidades animadas pelo Espírito, manifesta-se na paz. O Evangelho de João mostra que esta paz, para ser verdadeira, deve ser a paz trazida por Jesus. Uma paz diferente da paz construída pelo império romano.

Paz na Bíblia (em hebraico é shalom) é uma palavra muito rica, significando uma série de atitudes e desejos do ser humano. Paz significa integridade da pessoa diante de Deus e dos outros. Significa também uma vida plena, feliz, abundante. A paz é sinal da presença de Deus, porque o nosso Deus é um "Deus da paz". Por isso mesmo, a proposta de paz trazida por Jesus também é sinal de "espada", ou seja, de perseguições para as comunidades. O próprio Jesus faz este alerta sobre as tribulações promovidas pelo império tentando matar a paz de Deus.

É preciso confiar, lutar, trabalhar, perseverar no Espírito para que um dia a paz de Deus triunfe. Neste dia "amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam". Então, como ensina Paulo, "o Reino será justiça, paz e alegria como fruto do Espírito Santo" e "Deus será tudo em todos".

Sugestões de repertório para o 2º Domingo da Páscoa do Senhor:

Refrão meditativo: Ressuscitou de verdade, aleluia! (Cantos de Taizé). Link: https://www.youtube.com/watch?v=p8BZTN-QrBc
Abertura: Este é o dia do Senhor! Dia de festa e alegria! (CD Liturgia XV, faixa 01)
Salmo responsorial: Ao Senhor dai graças (CD Liturgia XV, faixa 06)
Aclamação: Aleluia! Acreditaste Tomé! (CD Liturgia XV, faixa 03)
Apresentação das Oferendas: Senhor, vencestes a morte! (CD Liturgia XV, faixa 04)
Comunhão: Ó morte, onde está tua vitória (CD Liturgia XV, faixa 05)

CANTOS PARA CONCLUSÃO DA LEITURA ORANTE:

1. Hino da CF 2019

1. "Eis que o Senhor fez conhecer a salvação
E revelou sua justiça às nações"
Que, neste tempo quaresmal, nossa oração
Transforme a vida, nossos atos e ações

Pelo direito e a Justiça libertados
Povos, nações de tantas raças e culturas
Por tua graça, ó Senhor, ressuscitados
Somos em Cristo, hoje novas criaturas
Somos em Cristo, hoje novas criaturas

2. Foi no deserto que Jesus nos ensinou
A superar toda ganância e tentação
Arrependei-vos, eis que o tempo já chegou
Tempo de Paz, Justiça e reconciliação

3. Em Jesus Cristo uma nova aliança
Quis o Senhor com o seu povo instaurar
Um novo reino de justiça e esperança
Fraternidade, onde todos têm lugar

4. Ser um profeta na atual sociedade
Da ação política, com fé, participar
É o dom de Deus que faz, do amor, fraternidade
E bem comum faz bem de todos se tornar!

2. Quando o dia da paz renascer

1. Quando o dia da paz renascer
Quando o sol da esperança brilhar: Eu vou cantar!
Quando o povo nas ruas sorrir
E a roseira de novo florir: Eu vou cantar!
- Quando as cercas caírem no chão
Quando as mesas se encherem de pão: Eu vou sonhar!
Quando os muros que cercam os jardins
Destruídos então os jasmins vão perfumar!

Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada, de novo.
No olhar da gente a certeza do irmão
Reinado, do povo.

1. Quando as armas da destruição
Destruídas em cada nação: Eu vou sonhar
E o decreto que encerra a opressão
Assinado só no coração vai triunfar!
- Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir será enfim
Tempo novo de eterna justiça
Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça, vai ser assim!

3. Por sua morte

1. Por sua morte, a morte viu o fim
Do sangue derramado a vida renasceu.
Seu pé ferido nova estrada abriu.
E, neste Homem, o homem, enfim, se descobriu.
Meu coração me diz: "O amor me amou,
E se entregou por mim!
"Jesus ressuscitou!
Passou a escuridão, o Sol nasceu!
A Vida triunfou: Jesus ressuscitou!
2. "Jesus me amou e se entregou por mim!" Os homens todos podem o mesmo repetir. Não temeremos mais a morte e a dor./
O coração humano em Cristo descansou.

A produção desse material teve a colaboração da CELEBRA
Rede de Animação Litúrgica - Núcleo Iguatu/CE